

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Entre o Desporto e a Diplomacia: A FIFA como um ator político internacional

Os Mundiais de Futebol como instrumentos de poder

Rafael Fino de Albuquerque

Mestrado em Estudos Internacionais

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Associada

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

Entre o Desporto e a Diplomacia: A FIFA como um ator político internacional

Os Mundiais de Futebol como instrumentos de poder

Rafael Fino de Albuquerque

Mestrado em Estudos Internacionais

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Associada

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

Agradecimento

Em primeiro lugar queria começar por agradecer aos meus pais, Victor e Elisabete, que sempre me apoiaram em todos os meus sonhos e deram-me todas as condições possíveis e imagináveis para ter chegado até aqui. Sem o vosso esforço diário, amor e apoio este trabalho não seria possível, e por isso mesmo, é tanto meu como vosso.

Em segundo lugar queria agradecer à professora e minha orientadora Maria João Vaz, que me acompanha já desde a minha licenciatura em História Moderna e Contemporânea no ISCTE. Apesar de todas as dificuldades que enfrotei, esteve sempre lá para me ajudar em tudo o que pôde, e em tudo o que precisei, dando-me sugestões e ideias que enriqueceram a minha investigação.

Queria também agradecer à minha família e amigos, por todo o apoio, conversas e ajuda que me deram ao longo deste processo. À minha irmã Érica, aos meus avós paternos e maternos, aos meus tios e tias e aos meus amigos Gonçalo, André, Francisco e Marco, um obrigado especial por me terem acompanhado e muitas vezes servirem de refugio quando mais precisava. Mas mais do que tudo queria agradecer e dedicar este trabalho à minha namorada Daniela Reis, que ao longo destes três anos que nos conhecemos, apoiou-me e fez-me acreditar que sou capaz de alcançar todos os meus sonhos e objetivos. Obrigado por seres o meu apoio, e por nunca me deixares cair, mesmo quando eu sentia que estava tudo perdido. A tua ajuda diária nesta jornada até aqui foi fundamental para mim e para estar aqui neste momento, e por isso mesmo, este trabalho, também é teu!

Queria agradecer também aos ISCTE, pelos 5 anos incríveis que me proporcionou. Por me ter permitido conhecer pessoas incríveis com as quais mantenho amizade até hoje, e principalmente por me ter ajudado a crescer, e me ter permitido realizar mais um sonho da minha vida.

Resumo

A presente investigação pretende analisar a FIFA enquanto uma organização internacional que transcende a esfera desportiva, atuando, muitas vezes, como um ator político e económico com grande influência global. O Futebol é mais do que um simples jogo e, nos últimos anos, tem-se assistido a que este seja usado como um instrumento de poder e projeção de legitimidade. Desta forma, procura-se compreender de que forma os Mundiais de Futebol se tornaram palcos privilegiados, onde muitos fatores estão em jogo.

Através de uma análise comparativa de alguns casos polémicos e emblemáticos que ocorreram relativamente a Campeonatos Mundiais de Futebol, como o Mundial de 1978 (Argentina), 2018 (Rússia), 2022 (Catar) e o planeado Mundial de 2034 (Arábia Saudita), procura-se demonstrar como a FIFA, apesar de defender valores que define como universais relacionados com a ética no desporto, a transparência e os direitos humanos, tem frequentemente agido de forma contrária, tomando decisões em prol de interesses económicos e tentativas de afirmação de poder de projeção internacional.

Analisando os casos selecionados, esta investigação, conclui assim que, ao longo da sua história, a FIFA tem contribuído em larga escala para a politização do futebol mundial, ao assumir um papel central na interseção entre o desporto e as relações internacionais. A investigação termina com uma reflexão sobre o possível futuro da organização e o legado que esta pretende deixar, se o de uma reforma interna, com o objetivo de alinhar-se com os valores de transparência e ética que publicamente defende, ou se continuará a reproduzir as contradições que têm marcado a sua atuação no sistema internacional nos últimos anos.

Palavras-chave: FIFA, Mundiais de Futebol, Desporto, Política internacional e Soft power

Abstract

This research aims to analyse FIFA as an international organisation that transcends the sporting sphere, often acting as a political and economic actor with significant global influence. Football is more than just a game and in recent years we have witnessed it being used as an instrument of power and legitimacy. Thus, this investigation seeks to understand how the World Cups have become privileged stages, where many factors are at play.

Through a comparative analysis of some controversial and emblematic cases that occurred in relation to the World Cups, such as the 1978 World Cup (Argentina), 2018 (Russia), 2022 (Qatar) and the planned 2034 World Cup (Saudi Arabia), this study aims to demonstrate how FIFA, despite defending values it defines as universal related to ethics in sport, transparency and human rights, has often acted contrary to this, making decisions in favour of economic interests and attempts to assert its international power.

Analysing the selected cases, this research concludes that, throughout its history, FIFA has contributed significantly to the politicisation of world football by assuming a central role at the intersection between sport and international relations. The research concludes with a reflection on the possible future of the organisation and the legacy it intends to leave, whether that of internal reform, with the aim of aligning itself with the values of transparency and ethics that it publicly defends, or whether it will continue to reproduce the contradictions that have marked its performance in the international system in recent years.

Keywords: FIFA, World Cups, Sport, International politics and Soft power

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice de Imagens.....	ix
Introdução.....	1
Objetivos, Fontes e Metodologia de Estudo.....	2
CAPÍTULO 1	5
A construção da FIFA.....	5
1.1 João Havelange: o arquiteto do poder.....	6
1.2 A FIFA e os Mundiais de Futebol.....	10
CAPÍTULO 2	13
FIFA WORLD CUP 1978 - Argentina.....	13
CAPÍTULO 3	23
FIFA WORLD CUP 2018 - Rússia	23
CAPÍTULO 4	35
FIFA WORLD CUP 2022 - Catar	35
CAPÍTULO 5	49
FIFA WORLD CUP 2034 – Arábia Saudita	49
Conclusões.....	57
Referências Bibliográficas.....	61
Anexos	67

Índice de Imagens

Figura 1- Excerto da revista “FIFA magazine”, 1998.....	8
Figura 2- Recorte do jornal “La Prensa” (1978)	18
Figura 3- “Mundial NON”, pôster de boicote ao Mundial de 1978, feito pelo movimento COBA, 1978.....	19
Figura 4- “Futebol sim – Tortura não”; Pôster da Amnistia Internacional contra a ditadura argentina, 1978.....	19
Figura 5- David Beckham e Roman Abramovich num evento dos Candidatos para o Mundial 2018.....	24
Figura 6- Joseph Blatter anuncia em 2010, a Rússia e o Catar como anfitriões dos Mundiais de 2018 e 2022	26
Figura 7- Mohamed Salah e Ramzan Kadyrov, 2018	31
Figura 8- Gráfico da ITC Special Report, que indica o número de fatalidades de trabalhadores na organização de megaeventos desportivos.....	42
Figura 9- Foto da seleção alemã, antes do jogo contra o Japão, para o Mundial 2022, protesta a decisão da FIFA de impedir o uso da braçadeira “One Love”	46
Figura 10- Ministra alemã Nancy Faeser ao lado do presidente da FIFA Gianni Infantino, com a braçadeira “One Love”, antes do jogo frente ao Japão	47
Figura 11- Cristiano Ronaldo assina pelo Al-Nassr, 2022.....	50

Introdução

O Futebol é mais do que um simples jogo e não se resume apenas a chutar uma bola, já que possui o poder de aproximar culturas e sociedades muito diferentes. Ao longo do século XX, transformou-se num dos fenómenos sociais, culturais e desportivos mais influentes do planeta, agregando vários fãs e praticantes, tornando-o, muito provavelmente, como o desporto mais popular do mundo. Giulianotti & Robertson (2004) classificam-no como *“the global game”* (Giulianotti & Robertson, 2004, p.545) tornando-o numa verdadeira linguagem universal, capaz de atravessar fronteiras e ligar sociedades, que muitas vezes partilham pouco mais do que a paixão por este desporto.

De acordo com dados divulgados em 2018 pela *Nielsen*, estima-se que *“more than 40% of people 16 or older in major population centers around the world consider themselves interested or very interested in following football”* (Nielsen, junho, 2018), o que demonstra a popularidade e importância do futebol no mundo. Alison Baker (2018) reforça ainda que o Mundial de 2022 atingiu níveis recorde de audiências, uma vez que se estima que cerca de *“5 billion viewers tuned in to watch some portion of the tournament around the world — and 1.5 billion people watched the World Cup Final game alone”* (Baker, 2018).

Os Campeonatos Mundiais de Futebol são assim a competição mais assistida no mundo do desporto e colocaram a FIFA numa posição de destaque global, consolidando-a como uma das organizações mais influentes e lucrativas à escala global. Esta popularidade, característica deste desporto, faz com que o futebol ultrapasse os limites de um simples entretenimento, convertendo-se numa indústria poderosa e numa arena política de impacto elevado no sistema internacional dos dias de hoje.

Em função da expansão e popularidade do futebol aqui já identificada, foi considerada a análise dos Campeonatos Mundiais de Futebol como área de estudo, com o objetivo de identificar e compreender de que forma estes eventos, para além da sua dimensão desportiva, acabaram também por se tornar instrumentos de projeção política, económica e de influência internacional, onde a FIFA desempenha um papel de um verdadeiro ator político global.

Objetivos, Fontes e Metodologia de Estudo

Nesta medida, a seguinte investigação surge na necessidade de compreender o papel que o futebol, enquanto um fenómeno global, pode desempenhar na arena internacional e política. Apesar de ser visto por muitos como um mero desporto, o futebol tornou-se, nos dias de hoje, num verdadeiro instrumento de projeção de poder, diplomacia e de influência, utilizado, muitas vezes, como um modo de legitimação política. Assim, o objetivo central desta investigação consiste na análise da *Fédération Internationale de Football Association*, mais conhecida como FIFA, cujas ações ultrapassam as barreiras desportivas, assumindo características políticas e económicas de um verdadeiro ator global.

No Capítulo 1 da dissertação será realizada uma abordagem histórica da FIFA, onde será analisada a sua origem e evolução, enquanto organização principal responsável pelo futebol. Pretende-se deste modo, compreender de que forma a FIFA, ao longo das suas diferentes lideranças, com um destaque especial para as presidências de João Havelange e Joseph Blatter, se transformou numa entidade transnacional poderosa.

Já no Capítulo 2 o objetivo passará por responder às questões: “De que forma é que a FIFA utiliza os Campeonatos Mundiais de Futebol como instrumento de poder e influência política a nível internacional?” e “De que modo é que os países anfitriões beneficiam politicamente da realização de um Campeonato Mundial de Futebol no seu país?”. Para responder a estas questões, foram analisados vários casos de estudo relacionados com os Campeonatos Mundiais de Futebol. Desta forma, a metodologia utilizada nesta investigação é de natureza qualitativa, centrada na análise bibliográfica e na interpretação de várias notícias, documentos de investigação e artigos.

Foi optado por este tipo de abordagem, uma vez que permitiu observar os significados subjacentes às ações institucionais e às decisões políticas que envolvem juntamente a FIFA e os Campeonatos do Mundo de Futebol. Utilizou-se assim fontes de duas categorias distintas, entre elas, as fontes primárias, onde se encontram documentos oficiais da FIFA, como comunicados institucionais ou declarações de dirigentes, ou ainda notícias de jornais, e fontes secundárias, constituídas por bibliografia académica, artigos científicos que tivessem a credibilidade reconhecida.

Contudo a investigação irá basear-se essencialmente em fontes secundárias, que irão permitir analisar as controvérsias e impactos dos eventos analisados, através dos quais a FIFA

sacrifica os valores que proclama defender, como a ética e a transparência desportiva, com o intuito de exercer influência global.

Estes casos de estudos apresentam contextos históricos, políticos e geográficos completamente distintos, que irão permitir observar a forma como a FIFA, através da organização dos Campeonatos Mundiais de Futebol, atua simultaneamente como promotora de integração mundial através do futebol e como mediadora de interesses económicos e políticos. Cada um dos Campeonatos do Mundo de Futebol selecionados, foram escolhidos com base na sua relevância histórica, refletindo ainda algumas etapas da própria evolução institucional da FIFA e distintos quadros políticos mundiais.

O primeiro caso de estudo analisado é o do Campeonato do Mundo de 1978, na Argentina. Sob uma ditadura militar imposta pelo governo de Jorge Rafael Videla, de 1976-1983, o Campeonato do Mundo de 1978 constituiu um exemplo onde a FIFA coexistiu e cooperou com um regime repressivo que governava a Argentina. No final da década de 70, a Argentina viveu um dos períodos mais sombrios da sua história, marcado por uma forte repressão política e violações graves dos direitos humanos, depois da Junta Militar, comandada por Videla, ter concretizado o golpe militar em 1976.

O regime viu na possibilidade de realizar o Campeonato do Mundo, uma oportunidade para se legitimar tanto a nível nacional como a nível internacional. A FIFA, por sua vez, manteve a intenção de realizar o Campeonato do Mundo na Argentina, reforçando que o Futebol não se deveria misturar com as questões políticas. Desta forma, a FIFA marcou uma posição, que simultaneamente protegeu a instituição e legitimou internacionalmente o regime de Videla.

De seguida serão analisados dois Campeonatos do Mundo, muito próximos um do outro, o de 2018 e 2022, na Rússia e no Catar, respetivamente. Estes Campeonatos Mundiais de Futebol marcaram uma nova era na FIFA, agora com Gianni Infantino na presidência, que se tentava reerguer depois das polémicas de corrupção que ocorreram em 2015, com o caso do *FIFAgate*, onde vários membros da instituição foram afastados, nomeadamente o presidente da organização, Joseph Blatter. Contudo, os processos de atribuição destes Campeonatos do Mundo suscitaram sempre algumas questões sobre corrupção e legitimação política, que envolveram estes dois países.

Com estes dois casos será possível revelar as implicações políticas das decisões da FIFA, assim como perceber de que forma o futebol pode ser instrumentalizado por atores globais, de forma a legitimar os seus governos e países para o exterior.

Por fim será analisado o Campeonato do Mundo de 2034, que irá ocorrer na Arábia Saudita. A escolha deste país gerou rapidamente várias críticas da comunidade global, tanto pelo facto

de não possuir um passado histórico no futebol, quanto pelas várias violações de direitos humanos, destacadas por várias organizações. A realização desta competição, enquadra-se numa estratégia da Arábia Saudita para se projetar internacionalmente e melhorar a sua imagem, utilizando o futebol, como o meio perfeito para isso. A FIFA por sua vez, mantém uma postura neutra, tal como aconteceu com o Mundial de Futebol no Catar, privilegiando os possíveis interesses financeiros e políticos que este evento poderá oferecer-lhe.

Assim, esta dissertação terá como objetivo concretizar uma análise sobre a relação entre futebol, política e poder, destacando a FIFA como uma instituição que opera na interseção entre o desporto e a diplomacia internacional. Pretende-se demonstrar que o futebol, para além de ser um espaço de competição e celebração constitui, muitas vezes, o espaço ideal para a projeção de interesses políticos e económicos à escala global. A investigação pretende ainda demonstrar que, apesar de não possuir uma soberania formal, a FIFA é capaz de exercer uma influência comparável a atores políticos globais, possuindo a capacidade de legitimar regimes e moldar perceções e narrativas no sistema internacional.

Graças à expansão do futebol, levado a cabo pela FIFA, observou-se também uma certa tendência para a organização privilegiar os interesses económicos e políticos em detrimento dos princípios de transparência, ética e justiça que o mundo do futebol deveria transmitir.

CAPÍTULO 1

A construção da FIFA

Em 1872 ocorreu o primeiro jogo oficial historicamente reconhecido pela *FIFA* entre seleções nacionais de dois países. O encontro ocorreu entre a Inglaterra e a Escócia, sendo a equipa inglesa formada por jogadores selecionados pela *Football Association*¹ e a equipas escocesa composta por jogadores do *Queen's Park Football Club*, a equipa mais forte do país, uma vez que ainda não existiam seleções nacionais formalmente constituídas (Silveira, 2023). O jogo terminou num empate sem golos, e foi assistido por 4 mil espectadores ao vivo no estádio *West of Scotland Cricket Club Ground* em Glasgow, Escócia (Silveira, 2023). Nos 30 anos seguintes, assistimos à popularização do futebol por todo o mundo, tornando-se cada vez mais evidente a necessidade de criar uma organização que conseguisse regular internacionalmente o futebol. Posto isto, em maio de 1904, representantes de países europeus como a França, a Bélgica, a Dinamarca, os Países Baixos, a Espanha, a Suécia e a Suíça reuniram-se em Paris para criar a *Fédération Internationale de Football Association*, mais conhecida por *FIFA*.

Os países britânicos, ou os denominados “*Home Nations (creators of the game: England, Scotland, Wales, and Ireland)*” (Cazotto.N.G et al, 2022, p.825) demonstraram sempre alguma resistência, uma vez que existia um medo generalizado de que este novo “organismo” retirasse a autonomia ao futebol nacional, especialmente junto das federações de futebol galesa e escocesa. Só em 1906, com o apoio de figuras influentes como Edouard de Laveleye e de Lord Kinnaird, é que a Inglaterra aderiu à *FIFA*, incentivando, conseqüentemente, as outras federações britânicas a posteriormente juntarem-se.

A expansão internacional da *FIFA* para lá da Europa só ganhou força após a entrada de países como a África do Sul, em 1909, e da Argentina, Estados Unidos e Chile até 1913. Numa primeira instância, a *FIFA* “*was primarily concerned with the governance of the game*” (Bason. T et al, 2019, p.424) e só em 1921, após a I Guerra Mundial, e com a eleição do francês Jules Rimet, é que a *FIFA* “*started to organise international tournaments, starting with the 1924 Olympic Games*” (Bason. T et al, 2019, p.424).

O grande sucesso dos jogos Olímpicos de 1924 e, posteriormente, de 1928, levou a *FIFA* a decidir organizar o seu próprio torneio internacional, que viria a acontecer em 1930, com a organização do primeiro Mundial de Futebol no Uruguai “*with the trophy named after Jules*

¹ Entidade reguladora do futebol inglês desde 1963

Rimet, FIFA president from 1921–1954” (Tomlinson, 2000 *apud* Bason. T et al, 2019, p.424). Com a expansão da FIFA pelo mundo, a organização da FIFA começou a fazer-se baseada em Confederações, que representavam as diferentes zonas do mundo.

De acordo com Victor Borges (2019), a FIFA está dividida em 6 confederações diferentes, entre elas a CONCACAF (América do Norte e América Central), UEFA (Europa), AFC (Ásia), CAF (África), OFC (Oceania) e CONMEBOL (América do Sul), onde cada uma, representa a sua região no cenário internacional do futebol (Borges, 2019).

Na secção dos *Anexos* no final deste trabalho, no Anexo A, pode ser observado que para além da FIFA ter tido nove presidentes permanentes durante a sua existência, estas presidências eram dominadas por presidentes europeus até à eleição do brasileiro João Havelange, em 1974. Sob a governação de Havelange, a FIFA expandiu-se para novas regiões, levando o futebol a vários cantos do mundo e introduzindo o cenário futebolístico global.

1.1 João Havelange: o arquiteto do poder

De acordo com o Luiz Guilherme Burlamaqui, em 1960, a sede da FIFA ficava situada numa casa modesta, perto de Zurique, na Suíça, casa esta que não se comparava às condições que a sede da FIFA possui atualmente. Nesta casa residia Helmüt Kaser, secretário-geral da FIFA, e para revelar o nível de simplicidade, Burlamaqui destaca as palavras de um testemunho, um tanto quanto peculiar. Elias Zaccour, um agente de futebol refere que:

“(. . .) the secretary [Helmut Käser] was there. He gave me a list. And then I hit my finger like that, there was so much dust on his desk. (. . .) The dog lived with him, his daughters were all up there. So full of dust. This was [February of] 1974. Havelange arrived in [June of] 1974” (Burlamaqui, 2019, p.1).

A 11 de junho de 1974, João Havelange derrota o inglês Stanley Rous, tornando-se o sétimo presidente, o primeiro e único presidente não-europeu da FIFA. A eleição de Havelange acaba por colocar um travão no domínio europeu sobre o futebol internacional, uma vez que as estruturas da organização acabavam por favorecer as seleções e nações europeias, tanto a nível de poder político, quanto à representação das mesmas nas competições. A vitória de Havelange teve um grande apoio das nações do designado terceiro mundo, especialmente em África, uma vez que o seu adversário, Stanley Rous *“supported a South African football association that employed the principles of apartheid”* (Bason.T et al, 2019, p.424).

É ainda importante destacar a metáfora e o simbolismo usado por Zaccour. Primeiramente, utiliza a expressão *“so full of dust”*, remetendo para algo antigo, relacionado com as *“ruins of the European colonial order”* *(...) the environment of FIFA was identified as a place of relative*

abandonment, of precarious organization, where family relations subsisted” (Burlamaqui, 2019, p.3), ou seja, é possível identificar uma crítica às estruturas europeias exclusivas, uma vez que a FIFA pertencia à Europa.

Zaccour insere ainda um nível simbólico mais forte, uma vez que associa a chegada de Havelange ao poder em 1974 como a criação de uma nova era, uma vez que:

“the description of a ‘dusty’ environment (...) evokes the narrative of the creation of the world.

From the dust left by Helmut Käser, from the wreckage of the ‘old colonial order’, a new world breaks out” (Burlamaqui, 2019, p.3).

Assim, Havelange é visto como o arquiteto desta transformação, já que, quando chegou, o próprio afirmou que *“he had found FIFA in penury, with only twenty dollars in cash”* e graças à sua gestão, foi capaz de *“transform a modest organization into a transnational corporation, richer by almost 400 million dollars in 1998, turning ‘dust’ into ‘gold’”* (Burlamaqui, 2019, p.3).

Burlamaqui destaca as palavras do jornalista brasileiro Juca Kfourri, crítico de Havelange, que afirma que até ao ano de 1974, a FIFA era uma entidade:

“predominantly focused on the interests of European football (...) it is undeniable that it was

the Brazilian [Havelange] who was responsible for the change, which transformed FIFA into a transnational company” (Burlamaqui, 2019, p.4).

João Havelange tornava-se assim presidente *“of a new global and international FIFA”* (Burlamaqui, 2019, p.5). Esta ideia é destacada em 1998, quando a revista *FIFA Magazine* publica uma coleção de histórias sobre os presidentes da FIFA, onde o grande propósito desta publicação era a celebração dos 24 anos de Havelange à frente da organização. Contudo, Stanley Rous é retratado na revista como *“the pre-Havelange era”* (Burlamaqui, 2019, p.5) como se pode observar na Figura 1, onde Havelange (à direita) cumprimenta Stanley Rous (à esquerda).

Esta postura reforça a ideia de que Rous faz parte de uma FIFA antiga, isolada e estreitamente euro centrada, que preparava o caminho para a ascensão de uma FIFA global sob Havelange.

Figura 1- Excerto da revista "FIFA magazine", 1998.



Fonte: https://www.academia.edu/128844557/The_invention_of_FIFA_history_Jo%C3%A3o_Havelange_s_election_to_FIFA_presidency_as_a_historic_event

A vitória de Havelange permitiu uma expansão enorme da instituição FIFA. Tom Bason, Paul Salisbury e Simon Gerad destacam que o Mundial de 1974, sediado na Alemanha Ocidental:

“Had just one competitor each from the Confederation of African Football (CAF), Oceania Football Confederation (OFC) and The Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football (CONCACAF). No Asian teams took part in the tournament (FIFA, 1976). By the 1982 World Cup, this had expanded to Kuwait (OFC), New Zealand (OFC), Algeria, and Cameroon (both CAF), and Honduras and El Salvador (both CONCACAF) (FIFA, 1982)”
(Bason.T et al, 2019, p.424).

Graças à sua visão, João Havelange conseguiu expandir e dinamizar a instituição FIFA por todo o mundo e quando, em 1998, abandonou o cargo, ficou conhecido como o homem que transformou por completo a história da FIFA. Havelange viria a ser substituído pelo seu secretário-geral Joseph Blatter, que deu continuidade à visão do seu antecessor, de uma FIFA global e em constante expansão.

Contudo de acordo com os autores Tom Bason et al., durante o período de Blatter no poder, a FIFA acabou por ser acusada durante largos anos de práticas obscuras e corrupção. Um dos principais escândalos foi a falência do grupo *International Sports and Leisure*² (ISL), que levantou questões da natureza da sua relação com a ISL e dos subornos pagos a executivos da FIFA de forma a garantir os direitos do marketing do Mundial de 2002 e de 2006. Esta situação só piorou em 2010, após a FIFA conceder a realização do Mundial de Futebol de 2018 à Rússia

² Empresa de Marketing desportivo ligada à FIFA, que faliu em 2001

e o de 2022 ao Catar, onde este último, gerou muitas críticas *“due to the nation’s lack of football heritage”* (Brannagan & Rookwood, 2016 *apud* Bason.T et al., 2019, p.425).

Após estas acusações, a FIFA contratou o advogado americano Michael Garcia, de forma a investigar estas denúncias. Contudo o seu relatório completo foi bloqueado pelo Comité de Ética da FIFA, onde apenas um pequeno resumo viria a ser divulgado ao público em 2014, onde tanto a Rússia como o Catar foram considerados inocentes. Michael Garcia por sua vez *“distanced himself from the report and resigned as FIFA’s ethics investigator, claiming that the released summary was materially incomplete”* (Conway, 2014 *apud* Bason.T et al, 2019, p.425).

Segundo Tom Bason et al., este episódio/investigação, teve um impacto pequeno na FIFA, uma vez que vários dirigentes mantiveram o seu lugar, incluindo o próprio Blatter. Nesta altura, dois dirigentes da FIFA, Chuck Blazer e Jack Warner, acabaram por ser suspensos da FIFA devido a acusações de suborno. Blazer, por sua vez, e sem conhecimento da FIFA, concordou em colaborar com o FBI na investigação sobre as práticas da entidade. Este acontecimento ficou conhecido como *FIFAgate*³, que provocou uma investigação do *FBI* nos EUA que acabou na acusação de *“14 FIFA officials indicted on charges of receiving more than USD 150 million in inducements”* (Bason.T et al., 2019, p.425).

Assim, apesar de ter dado continuidade à visão de Havelange de tornar o futebol num jogo verdadeiramente global, tendo levado os Campeonatos Mundiais de Futebol a novas regiões que nunca tiveram a possibilidade de sediar uma competição desta magnitude, a presidência de Blatter *“was mired in controversy, ultimately ending in FIFA banning Blatter from football for eight years”* (Bason.T et al., 2019, p.424).

Durante o Congresso Especial de 2016, convocado após o resultado de corrupção no seio da FIFA em 2015, a gravidade da crise vivida na organização era bastante visível no discurso dos candidatos, uma vez que o medo era só um *“that FIFA could lose its monopoly on football as a spectacle, in the event of a break-up of the national associations or even the clubs”* (Burlamaqui, 2019, p.339).

Era necessário salvar a FIFA e nas palavras de Burlamaqui *“prevent football without FIFA from emerging”* (Burlamaqui, 2019, p.340). Assim, em fevereiro de 2016, o antigo secretário-geral da UEFA Gianni Infantino foi eleito como o nono presidente da FIFA. No seu discurso, prometeu:

³ Escândalo de corrupção em 2015, no qual a FIFA esteve diretamente envolvida

“Restore the image and respect of FIFA throughout the world. I want to be the President of all 209 national associations, and work with all of [them] together to build a new era within FIFA where we can put football in the centre stage again, and focus again on this beautiful game” (Infantino, G. *apud* UEFA, 26 fevereiro, 2016).

A vitória de Infantino, assim como a de Havelange em 1974, trouxe a promessa de uma FIFA mais transparente. Contudo, é possível observar uma rutura com o passado, uma vez que Infantino começou por extinguir alguns dos símbolos criados por Havelange e Blatter, sendo um deles o fim da Taça das Confederações⁴. Infantino tinha o objetivo de substituir esta prova pelo novo Mundial de Clubes, um projeto pessoal próprio, que curiosamente teve a sua primeira edição este ano, em 2025, nos Estados Unidos da América. Três meses após a eleição de Infantino, João Havelange faleceu em junho de 2016, no hospital Samaritano Botafogo, no Rio de Janeiro, durante os Jogos Olímpicos na própria cidade do Rio.

Apesar da vida Havelange ter marcado profundamente a história do futebol no século XXI e da própria FIFA, os tempos, segundo Burlamaqui, eram outros uma vez que:

"FIFA did not declare official mourning but simply put a note on its website. With UEFA's power in the organisation restored, it seemed that the time had come to turn the page. Or, perhaps, to return to the past" (Burlamaqui, 2019, p.341).

1.2 A FIFA e os Mundiais de Futebol

Assim, e apesar de não ser um ator estatal, a FIFA atua frequentemente como um agente político, uma vez que estabelece alianças, negocia legitimidade e influencia as dinâmicas de poder. É neste contexto que surge o maior produto feito pela FIFA, os Campeonatos Mundiais de Futebol, um evento que, ano após ano, transcende as quatro linhas do campo de futebol e transforma-se num palco onde os interesses políticos, económicos e sociais, jogam entre si.

Desta forma este tipo de eventos, acabam por servir como verdadeiros casos de estudo, onde por vezes se manifestam alguns acontecimentos, que de certa maneira, acabam por questionar os princípios pelos quais, a FIFA se rege.

De acordo com os autores Jonathan Grix e Donna Lee:

⁴ Torneio Internacional de futebol, disputado de 4 em 4 anos entre os campeões continentais de cada continente, o detentor do Mundial de Futebol e o país anfitrião do próximo Mundial. Servia como preparação para o Mundial de Futebol

“staging sports mega-events potentially provides emerging powers with opportunities to generate attraction even where they possess unattractive domestic political characteristics” (Grix. J & Lee. D, 2013, p.527).

Ou seja, de certa forma, estes torneios acabam por transcender profundamente a esfera desportiva, funcionando como palcos de afirmação estatal e, em alguns casos, legitimação de regimes autoritários, uma vez que *“states seek to attract others through activities that create a favourable impression and increase understanding among foreign audiences”* (Potter, 2009 *apud* Grix. J & Lee. D, 2013, p.528).

Os casos de estudo a seguir apresentados, tendem a refletir esta ideia, de que os Campeonatos Mundiais de Futebol muitas vezes tendem a ser usados como forma de legitimação política de alguns países. Por sua vez a FIFA acaba por sacrificar alguns dos valores que proclama defender, como a ética ou a transparência desportiva, em troca de benefícios financeiros elevados, que resultam do sucesso dos Campeonatos Mundiais de Futebol, um produto com grande êxito reconhecido mundialmente.

Desta forma a análise destes casos de estudo permitirá compreender de que forma é que a FIFA tem utilizado estes eventos como instrumentos de influência política e diplomática à escala global, comprometendo muitas vezes, os princípios éticos pelos quais se rege, em troca de poder e prestígio internacional.

CAPÍTULO 2

FIFA WORLD CUP 1978 - Argentina

O Mundial de Futebol de 1978, organizado na Argentina, ficou marcado como um dos eventos desportivos mais polémicos que aconteceram na história do desporto. Segundo Félix A. Jiménez Botta este Mundial de Futebol:

“was organized by a military junta that ruled the country (...) from 1976 until 1983, and that was subject to intense international criticism for its violations of human rights” (Félix. A, 2016, p.1).

A organização do Campeonato do Mundo de Futebol de 1978, foi atribuída à Argentina pela FIFA, em 1966, doze anos antes do início do evento. Nesta altura, o país possuía um governo democraticamente eleito, liderado por Arturo Illia⁵, apesar de já sentir algumas tensões políticas internas. De acordo com Klas Lundström (2022) uma semana antes da decisão final, o governo de Arturo Illia foi derrubado pelo general Juan Carlos Onganía⁶, que instaurou uma ditadura no país. Apesar desta situação a FIFA manteve a Argentina como anfitriã do torneio. Contudo depois de ter sofrido uma grande oposição política, Onganía acabou por ser forçado a renunciar, e em 1973, a democracia regressaria novamente à Argentina:

“Coinciding with the long-awaited return of the exiled national hero Juan Perón, who had led the nation between 1946 and 1955. Perón died in 1974, however, paving the way for a political breakdown that ended in a 1976 military coup, Argentina’s sixth during the twentieth century” (Lundström,2022).

Com a morte de Péron⁷ e a ascensão da sua esposa Isabel Perón à presidência, as divisões políticas intensificaram-se e a Argentina viu a instabilidade política e económica crescer. Este ambiente acabou por culminar no golpe militar de 1976, dando início a uma das fases mais brutais da história argentina.

Quando chegou ao poder a Junta militar⁸ deu início a uma *“campaign of state terrorism that surpassed the terrorist threat that they had allegedly set out to destroy by far”* (Félix. A,

⁵ Político argentino, que foi presidente do país entre 1963 e 1966

⁶ Presidente da Argentina entre 1966 e 1970, após um golpe militar

⁷ Presidente da Argentina entre 1946 – 1955 e 1973 - 1974

⁸ Governo formado pela Forças Armadas da Argentina que governou o país entre 1976 e 1983, sob liderança do general Jorge Rafael Videla

2016, p.3). O governo de Videla procurou consolidar a sua legitimidade interna e internacional e, segundo Marcelo Borrelli e Laura Oszust, uma das estratégias utilizadas foi o da organização do Mundial de Futebol de 1978, declarado como de “*national interest*” (Borrelli. M & Oszust. L, 2016, p.19). O líder desta junta era o general Jorge Rafael Videla⁹, que viu na possibilidade de a Argentina acolher o Mundial de Futebol de 1978 uma grande oportunidade política.

De acordo com Gorini (2015):

“the popular attachment to sports [in Argentina], and the international character of the event offered the [World Cup] ideal attributes to be utilized as a colossal propaganda operation” (Gorini, 2015 apud Félix. A, 2016, p.3).

O regime ditatorial, encabeçado por Videla, esperava que um Campeonato do Mundo de Futebol realizado com sucesso promovesse a imagem de um país pacífico e acolhedor e que, simultaneamente, promovesse e mobilizasse a paixão dos argentinos pelo futebol em benefício do governo. Aliás, esta técnica de trazer grandes competições desportivas de forma a beneficiar o governo já tinha sido utilizada no passado, tanto na Itália de Benito Mussolini, com a realização do Mundial de 1934, como na Alemanha Nazi de Adolf Hitler, com a realização dos Jogos Olímpicos de 1936.

O Mundial de 1978 revelou-se, como já tinha sido referido, a oportunidade perfeita para o regime militar recém-instalado fortalecer os seus laços internacionais uma vez que se revelou “*a perfect stage to wash away their guilt and reinvent themselves*” (Campana apud Lundström,2022). Apesar deste golpe militar vivido em 1976, a FIFA nunca considerou alterar o local do Mundial. João Havelange, presidente da FIFA naquela altura, tinha orgulho de que a organização do Mundial ocorresse na América do Sul, elogiando ainda a nação Argentina:

“I am among those that most depended on the hard work that your country undertook, and I haven’t been disappointed. It fills me with pride, first from knowing that Argentina responded to the challenge and second because I am also South American. We have achieved everything we proposed” (Frommer, 2022).

No início do Mundial de Futebol de 1978, a Junta estava no seu auge, já que ao mesmo tempo que eliminava a sua oposição política, conseguia manipular a imprensa nacional e manter assim uma imagem sobre a estabilidade que aí se viveria. Contudo, um ano antes do início do Mundial de Futebol de 1978, os Estados Unidos, sob a presidência de Jimmy Carter¹⁰, começaram a mudar a sua política externa, dando uma maior importância aos direitos humanos.

⁹ Líder da Junta militar. Governou a Argentina entre 1976 e 1981

¹⁰ Presidente dos Estados Unidos da América entre 1977 e 1981

O golpe militar que ocorreu na Argentina, em 1976, derrubou um governo democraticamente eleito, durante a administração de Gerald Ford¹¹ nos Estados Unidos. Neste período, o secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, aconselhou a Junta Militar argentina a “*act quickly before opposition to human rights violations grew in the United States (...) If there are things that have to be done, you should do them quickly*” (Frommer,2022). Já com a chegada de Jimmy Carter à presidência dos EUA, em janeiro de 1977, houve uma mudança significativa nos ideais do governo americano, uma vez que os direitos humanos passaram a ser uma prioridade na política externa do país. Assim, em junho de 1977, o novo Secretário de Estado dos EUA, Cyrus Vance, afirmou que os Estados Unidos “*would tie aid to human rights in Latin America*” (Frommer, 2022).

De acordo com Marcelo Borrelli e Laura Oszust, a pressão feita pelos Estados Unidos relativamente à violação dos direitos humanos que ocorria na Argentina, somada à dos exilados e de outras organizações humanitárias internacionais “*left the dictatorship highly exposed to international scrutiny and forced to deploy a strategy to counteract the negative image of the country*” (Borrelli & Oszust, 2016, p.20). Este movimento provocou uma reação do governo argentino, que respondeu com uma contracampanha, que, de acordo com Franco (2002):

“*The regime's strategy appealed to mechanisms to generate consensus on the internal front and was supported by the press, which in general terms supported and overemphasized the theory of the “threat” of external interference*” (Borrelli & Oszust, 2016, p.20).

A realidade é que, durante o Mundial de 1978, o governo argentino, utilizou o futebol como uma ferramenta de propaganda política, ao criar uma ideia de “*nosotros inclusivo*” ou de um “*nós*”, reforçando um sentimento de união nacional, onde o sucesso da seleção estava associado ao sucesso do próprio governo e de todo o país. Esta ideia, ajudava a disfarçar e a omitir todos os conflitos, desigualdades ou até as denúncias feitas contra o regime, o que provocava a sensação de uma unidade nacional e de orgulho coletivo.

Para o povo argentino, o futebol tem um peso enorme e por isso mesmo, vencer no campo de jogo confirmava que o país era superior aos demais e vitorioso, reforçando a imagem da Argentina, tanto a nível nacional como internacional.

No início do Mundial de 1978, o regime liderado por Videla encontrava-se no auge do seu poder. Conforme observa Matt Gault (2015), enquanto milhões de telespectadores acompanhavam com entusiasmo o Mundial de Futebol, milhares de opositores políticos ao

¹¹ Presidente dos Estados Unidos da América entre 1974 e 1977

regime eram sequestrados, torturados e mortos, num contexto em que a imprensa nacional permanecia sob um grande controlo estatal. Gault afirma também que o Mundial serviu como uma “*elaborate mask*” (Gault,2015), para desviar as atenções das violações graves dos direitos humanos que estavam a acontecer em solo argentino.

De acordo com Ezequiel Fernández Moores (2003), apenas a alguns metros do estádio Monumental ¹², utilizado durante o Mundial de 1978, existia o maior centro de tortura e detenção do regime argentino. Este centro era denominado de *ESMA* ¹³ um dos mais severos do regime onde, segundo Ezequiel Moores (2003), pelos seus portões passaram cerca de “*four thousand seven hundred people*” (Moores,2003). Segundo alguns relatos de presos políticos da época, dentro da *ESMA*, era possível ouvir, simultaneamente, os gritos de euforia dos adeptos no estádio e os gritos de sofrimento das vítimas torturadas neste centro.

John Moretti (2023) afirma que cerca de 5000 prisioneiros estiveram presos na *ESMA* de 1976 a 1983 e apenas 150 sobreviveram. Moretti (2023) relata que ao mesmo tempo que o Mundial ocorria, a situação vivida na Argentina foi colocada sob os holofotes do mundo e vários grupos internacionais sensibilizaram a opinião pública para as atrocidades cometidas pelo governo de Videla.

Ezequiel Moores (2003) questiona-se como é que a FIFA permitiu que o Mundial de 78 ocorresse nestas condições, ou como é que as seleções aceitaram participar nesta competição. De acordo com o autor, o Campeonato do Mundo de 1978 “*was the most obvious political manipulation suffered by the sport since the Olympic Games of nineteen thirty-six in nazi Germany*” (Moores,2003).

Através do futebol, o governo de Videla pretendeu legitimar-se internacionalmente, demonstrando ao mundo que a Argentina era um país moralmente exemplar, onde o povo argentino era “*right and human*” (Moores, 2003). Por outro lado, parte da população argentina, sem plena consciência da repercussão do que estava a acontecer no seu país, ou até por medo, via apenas no futebol um lugar de pertença e não um estandarte de propaganda do regime.

No dia 25 de junho de 1978, no estádio Monumental Núñez, em Buenos Aires, a seleção argentina defrontou a seleção holandesa na final do Mundial de 78, tendo vencido por 3-1 após prolongamento, tornando-se pela primeira vez campeã do mundo. Esta vitória, de acordo com Ezequiel Moores (2003), permitiu à população voltar às ruas e praças, de modo a celebrar esta

¹² Estádio do River Plate, clube argentino

¹³ Escola de Mecânica da Armada, foi uma escola militar usada pela ditadura como centro de detenção entre 1976 e 1983

conquista, algo que não acontecia desde março de 1976, depois do golpe militar na Argentina. O governo tinha plena consciência da importância do futebol para os argentinos e por isso mesmo, não hesitou, segundo Ezequiel Moores (2003), em gastar um valor recorde de “*over seven hundred million dollars*” (Moores,2003).

Contudo, cedo percebeu que não bastava organizar o mundial, a Argentina tinha de o vencer. Assim, apesar de não existirem provas ou documentos oficiais, segundo Moores: “*Different sources assure me that the dictatorship was not unaware of the controversial 6-0 slaughter against Peru which gave the Argentine team the points it needed to eliminate Brazil – because of a difference in goals – and advance to the final match against Holland*” (Moores,2003).

Michael Dominski (2024), por sua vez, acredita que o jogo entre a Argentina e o Peru, para o Mundial de 1978 “*went down as one of the most controversial results in the history of the tournament*” (Dominski,2024). O desfecho deste jogo, levantou muitas suspeitas na época e segundo Matt Gault (2015), muitos acreditam que Videla teria feito um pacto político com o presidente peruano Morales Bermúdez¹⁴. Algumas alegações acusam que Videla teria proposto que, em troca de uma vitória tranquila para a seleção argentina, aceitaria levar os presos políticos peruanos para a Argentina, para os fazer “desaparecer”.

De facto, a seleção peruana tinha uma boa equipa em 1978, para além de possuir um dos melhores jogadores do torneio, José Velásquez¹⁵. Ao intervalo, o Peru perdia por 2-0, e precisava, mais do que nunca, do seu talismã para fazer a reviravolta e chegar à final. Contudo, e contra a corrente daquilo que seria expectável, Velásquez foi substituído ao intervalo.

De acordo com Matt Gault, Velásquez declarou abertamente, ao longo dos anos, que foi substituído puramente por pressão política, insistindo que a equipa peruana fora informada que iria perder o jogo. O capitão peruano, Héctor Chumpitaz também foi substituído, o que facilitou a vitória argentina no final do jogo. Gault (2015) destaca que, aparentemente, o balneário da seleção peruana teve a visita de Videla antes do jogo contra a seleção Argentina.

Existe também ainda outro facto, destacado por Moores (2003), que acaba por causar algumas dúvidas quanto à legitimidade desta vitória. De acordo com Moores (2003), Juan Alemann¹⁶, foi um dos poucos que se opôs à realização do Mundial de Futebol na Argentina, uma vez que o considerava “*a waste of money*” (Moores. 2003). Estas declarações irritaram

¹⁴ Presidente do Peru entre 1975 e 1980

¹⁵ Ex-jogador peruano

¹⁶ Economista e político argentino

principalmente o Vice-Almirante Carlos Lacoste ¹⁷, um dos homens fortes do governo de Videla, destacado para organizar o Mundial de Futebol de 1978.

Quando a seleção argentina marcou o quarto golo contra a seleção peruana, segundo Moores (2003), uma bomba explodiu em casa de Alemann. Este acontecimento mereceu destaque do diário argentino *La Prensa*, como se pode observar na Figura 2.

Figura 2- Recorte do jornal “La Prensa” (1978)



Fonte: https://papelitos.com.ar/nota/una-bomba-en-la-casa-de-juan-alemann?z_language=en

Moores (2003) afirma que, de acordo com Alemann, se alguém ordenou que a bomba explodisse simultaneamente com o quarto golo argentino, era porque já era sabido que haveria um quarto golo durante o jogo. Pode-se, no entanto, questionar o porquê da FIFA e dos outros 15 países participantes deste Mundial, terem ignorado o que se passava na Argentina e participado no mesmo. Existiram, de facto, diversas tentativas de boicote, à realização deste Mundial. De acordo com a jornalista Luciana Bertoia, o primeiro apelo ao boicote do Mundial de 1978 foi feito em outubro de 1977, pelo jornal francês *Le Monde*, que denunciou as violações de direitos humanos que aconteciam na Argentina.

Como é expectável, num país sob ditadura militar, muitos argentinos partiram para diferentes partes do mundo em busca de exílio, principalmente em França. E assim, neste contexto, vários argentinos começaram a associar-se a grupos, sindicatos ou até partidos políticos de esquerda, criando posteriormente e através de inúmeras denúncias publicadas pelo

¹⁷ Vice-almirante argentino e presidente interino da Argentina por poucos dias em 1982

jornal *Le Monde*, o *Collectif pour le boycott de l'organisation par l'Argentine de la coupe de monde de football* (COBA)¹⁸. Este grupo foi responsável por inúmeras publicações em jornais, manifestações nas ruas e envio de cartas às autoridades francesas, solicitando o *boicote* ao Mundial de Futebol.

Em maio 1978, por exemplo, o COBA foi responsável por uma manifestação, com cerca de 3 mil pessoas, a favor do *boicote* do Campeonato do Mundo de Futebol de 1978. O grupo COBA afirmava que “*El Mundial, previsto en la Argentina para junio de 1978, tendrá lugar entre campos de concentración?*” (Bertoia, n.d.), comparando a realização do Mundial de 1978, com a dos Jogos Olímpicos de 1936, na Alemanha Nazi, como é possível observar na Figura 3.

Figura 3- “Mundial NON”, pôster de boicote ao Mundial de 1978, feito pelo movimento COBA, 1978



Fonte: https://papelitos.com.ar/nota/el-boicot-al-mundial?z_language=en

Por sua vez, a Amnistia Internacional¹⁹, que tem como principal dever a prevenção e fim dos abusos contra os direitos humanos, também possuía uma posição semelhante à dos exilados argentinos. A organização não se manifestou contra a realização do Mundial de Futebol, mas

Figura 4- “Futebol sim – Tortura não”; Pôster da Amnistia Internacional contra a ditadura argentina, 1978

¹⁸ Grupo de boicote ao Campeonato do Mundo de 1978, devido às inúmeras denúncias de violações de direitos humanos durante a ditadura militar argentina

¹⁹ Organização não governamental que defende os direitos humanos no mundo

lançou uma campanha, cujo lema era “*Football yes, torture no*” como é possível observar no Figura 4.



Fonte: https://papelitos.com.ar/nota/el-boicot-al-mundial?z_language=en

De acordo com Beth Williamson (2024), tendo em conta que as seleções iriam participar no Mundial normalmente, a Amnistia Internacional percebeu que encorajar as pessoas a afastarem-se do torneio, não iria funcionar. Assim, lançou esta campanha com o intuito de mostrar as crueldades e ilegitimidades do regime de Videla. Esta campanha tinha como objetivo, segundo Beth Williamson (2024), fazer com que os jornalistas se concentrassem no que estava a acontecer na sociedade, de forma a educar os seus leitores sobre as realidades vividas na argentina.

Contudo, apesar dos esforços contra o terrorismo vivido na Argentina, possíveis *boicotes* de seleções como a francesa e holandesa ao Mundial e atrasos nas obras para a competição, a pressão externa foi cada vez aumentando mais contra a realização da prova na Argentina. Contudo, o então presidente da FIFA, João Havelange, de acordo com Orlando Duarte (1987) demonstrou-se inflexível e confirmou que a Argentina iria ser a sede do Mundial de 1978. É importante recordar que, em 1974, data em que João Havelange foi eleito presidente da FIFA, a *Asociación del Fútbol Argentino* ou *AFA*, foi uma das entidades que apoiou e votou em Havelange para presidente da FIFA.

Assim, e apesar das denúncias contra as afrontas aos direitos humanos na Argentina, a confirmação da mesma como sede em 1976, deveu-se, em parte, ao poder que João Havelange detinha, e pela aproximação cordial que o mesmo tinha com Jorge Videla, durante os anos em que a Argentina se preparava para sediar o Mundial de Futebol.

De acordo com Eduardo Galeano (2013), na abertura do evento, o Havelange disse à frente das câmaras que finalmente o mundo iria ser capaz de ver a verdadeira imagem da Argentina (Galeano, 2015 *apud* Dias, 2015, p.34). A realidade é que, como Havelange explicou em 2008, numa entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, quem tinha decidido que o Mundial de 1978 iria ser realizado na Argentina, não fora ele, mas sim o Congresso da FIFA (Passos, 2013), tentando afastar de si a responsabilidade política. De acordo com Havelange, no primeiro encontro que teve com Videla, este disse-lhe para ficar descansado e prometeu-lhe que não lhe iria dar o melhor Mundial de sempre, mas sim um dos melhores (Passos, 2013).

Assim, em vez de questionar a legitimidade da organização do torneio levado a cabo por um regime autoritário, a FIFA ofereceu a Videla o palco perfeito para espalhar a sua propaganda ao fechar os olhos ao sofrimento de várias pessoas, que acabaram por ser sequestradas, torturadas e mortas. Os gritos de celebração vindos das bancadas, como foi referido no decorrer da dissertação, contrastam com os gritos de dor das vítimas da ditadura, o que simboliza a forma cruel, de como o futebol foi instrumentalizado pelo regime. O Mundial de 1978 na Argentina ficará para sempre na história como um dos momentos mais sombrios da FIFA, onde a ética e os direitos humanos foram sacrificados, em nome do poder e prestígio internacional.

CAPÍTULO 3

FIFA WORLD CUP 2018 - Rússia

O Mundial de Futebol de 2018, realizado na Rússia, ficou marcado por ser o primeiro da história sediado no leste europeu, e pelo regresso da competição à Europa, depois da realização do Mundial de 2010 na África do Sul, e o de 2014, no Brasil. Como na maioria das realizações de grandes eventos, o intuito do país organizador, é de tentar afirmar-se no cenário global, e de atrair a atenção para si, e no caso russo, isso não foi diferente. Três dias antes do início do Mundial de 2010, na África do Sul, alguns enviados russos e ingleses, aguardavam, na cidade de Joanesburgo (África do Sul) para apresentar a sua proposta, de forma a sediar o torneio em 2018.

A Inglaterra e a Rússia viram as suas candidaturas serem disputadas contra duas propostas conjuntas para sediar o Mundial, a Bélgica / Países Baixos, e Portugal / Espanha. A Rússia por sua vez, já tinha sido escolhida para ser a anfitriã dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, e de acordo com Ken Bensinger (2018), nesta altura, o país *“had been riding nearly a decade of spectacular economic growth, thanks largely to record prices for oil and other natural resources”* (Bensinger, 2018).

O país, mas particularmente o presidente Vladimir Putin estavam ansiosos para aproveitar esta onda de crescimento, para reafirmar o seu papel como uma grande potência mundial, que estava adormecida há muito tempo. Ganhar a oportunidade de sediar o Mundial de Futebol, um torneio assistido por milhões de pessoas por todo o mundo, seria sem dúvida alguma, uma maneira eficaz de auxiliar o crescimento russo como uma potência mundial, projetando a força e a estabilidade do país.

Contudo, dentro das quatro linhas do campo de jogo, a Rússia vivia momentos de humilhação, depois de ter falhado a classificação para o Mundial de Futebol de 2010, após sofrer uma derrota humilhante, contra a humilde seleção da Eslovénia. Fora das quatro linhas, apesar do bom crescimento económico, o país estava marcado por acontecimentos que manchavam a sua imagem, alguns destes, caricatos.

Durante a apresentação do projeto para sediar o Mundial, por parte da comitiva russa, liderada por Alexei Sorokin ²⁰, o mesmo enfrentou vários constrangimentos, uma vez que viu o PowerPoint de apresentação falhar três vezes enquanto falava. Este episódio um tanto

²⁰ Secretário-Geral da Federação de Futebol da Rússia e ex-membro do Concelho da FIFA até 2021

inusitado, acabou por envergonhar e prejudicar a candidatura russa, que via os seus adversários, como a Inglaterra, a ter uma apresentação de candidatura brilhante (Bensinger, 2018).

O otimismo da imprensa inglesa para a Inglaterra ser a anfitriã do Mundial aumentou depois da excelente apresentação da sua candidatura, sustentada pelo peso da sua história no futebol, na qualidade das suas infraestruturas e na experiência de já ter sediado com sucesso o Mundial de 1966. Tudo isto, parecia dar uma vitória fácil aos ingleses, contudo, “*the Russians, however, were playing a different game*” (Bensinger, 2018).

Depois da reunião que aconteceu em Joanesburgo, anteriormente referida, a FIFA organizou uma espécie de “*bidding expo*” na *Gallagher Convention Centre*. Neste evento, os candidatos que disputavam o direito a sediar os Mundial de 2018 e de 2022, tiveram a oportunidade de reunir-se com os vários delegados das Confederações de Futebol, e de interagir com Membros Executivos do Comitê da FIFA, de forma a promover as suas candidaturas. Algumas horas antes, o bilionário russo, e ex-dono do *Chelsea Football Club*, Roman Abramovich, chegou a Joanesburgo, num jato particular, acompanhado pelo vice-primeiro ministro russo, Igor Shuvalov.

É importante frisar que Abramovich manteve uma relação próxima com Putin, apesar de passar grande parte do seu tempo em Inglaterra, como dono do *Chelsea*. Quando chegou ao *Gallagher Convention Centre*²¹, demonstrou-se bastante animado, como é possível observar no Figura 5, onde posou para uma foto com a estrela de futebol inglesa David Beckham.

Figura 5- David Beckham e Roman Abramovich num evento dos Candidatos para o Mundial 2018



Fonte: <https://www.theguardian.com/football/2010/jun/10/australia-2018-world-cup>

²¹ Centro de convenções em Joanesburgo, África do Sul

Quando a exposição estava prestes a acabar, de acordo com algumas testemunhas mencionados por Bensinger (2018), Abramovich saiu do salão acompanhado pelo, até à época, presidente da FIFA, Joseph Blatter, em direção a uma sala privada situada no segundo andar do centro de convenções.

De acordo com Bensinger (2018), os responsáveis pela candidatura inglesa ao Mundial acreditavam que era necessário mais do que apenas boas infraestruturas, aeroportos e bom futebol, para ganhar o direito a sediar o Mundial. E para reunir informações sobre as outras candidaturas, algumas empresas e indivíduos que apoiavam a candidatura inglesa contrataram o ex-espião inglês Christopher Steele, que tinha como objetivo “*understand what they were up against*” (Bensinger, 2018).

Em 2010, depois de algumas fontes afirmarem que o presidente russo Vladimir Putin, teria demonstrado um forte interesse pessoal na candidatura, Steele apercebeu-se de alguns rumores que circulavam nos bastidores. Em abril de 2010, o vice-primeiro ministro russo, Igor Sechin, foi ao Catar para discutir um grande projeto de extração de gás natural. De acordo com Steele, a equipa da candidatura russa, também viajou para lá neste mesmo mês. Existia assim alegadamente, uma tentativa de troca de votos, em que a Rússia se comprometia a votar pelo Catar, como organizador do Mundial de 2022 e, em troca, o Catar votaria a favor da Rússia como sede do Mundial de 2018.

Já outras fontes, espalharam rumores de que, os responsáveis pela candidatura russa teriam levado pinturas valiosas do Museu *Hermitage*, em São Petersburgo, para as oferecer aos membros de Comitê Executivo da FIFA em troca de votos. Bensinger (2018) afirma que quando os ingleses descobriram isto, ficaram apreensivos, uma vez que Steele, acreditava que a candidatura inglesa estava condenada ao fracasso, e que nunca iria vencer um país como a Rússia, que estaria disposta a tudo para evitar uma derrota humilhante no cenário global.

Em dezembro de 2010, na véspera da votação, os países candidatos a sediar o Mundial de Futebol de 2018 e 2022, reuniram-se no hotel *Baur au Lac* em Zurique, na Suíça, numa última tentativa de influenciar os membros do Comitê Executivo a votar a seu favor. Apesar de todas as teorias anteriormente apresentadas, a Inglaterra era vista como a favorita para 2018. Contudo, alguns dias antes, tinha sido humilhada pela exibição de um documentário da BBC, que acusava três membros do Comitê Executivo da FIFA de receberem milhões de dólares em subornos, por parte da empresa *International Sport and Leisure* ou *ISL*.

O timing deste documentário foi péssimo, e muitos dirigentes sentiram-se ofendidos, o que acabou por ter um efeito negativo na candidatura inglesa. Bensinger (2018) destaca que a apesar das probabilidades estarem contra a Inglaterra, a mesma não desistiu e trouxe para a votação

“its “Three Lions” – prime minister David Cameron, Prince William and David Beckham – to make a final appeal” (Bensinger, 2018). Do outro lado, a Rússia, adotou uma estratégia diferente, e Vladimir Putin preferiu ficar de fora, justificando à imprensa que os membros do Comité Executivo deveriam tomar a decisão final em paz e sem nenhuma pressão externa.

O resultado da votação final foi revelado por Blatter, que declarou que a Rússia e o Catar seriam os anfitriões do Mundial de Futebol de 2018 e 2022, respetivamente.

Figura 6- Joseph Blatter anuncia em 2010, a Rússia e o Catar como anfitriões dos Mundiais de 2018 e 2022



Fonte: <https://oglobo.globo.com/esportes/fbi-investiga-escolhas-de-russia-qatar-como-sedes-das-proximas-duas-copas-do-mundo-16345136>

Por outro lado, também nesta sala, os jornalistas registaram a felicidade de Roman Abramovich, que comemorava e aplaudia, enquanto Igor Shuvalov²², recebia das mãos de Blatter o troféu do Mundial. O sentimento de surpresa para com estes resultados era testemunhado por várias pessoas na sala, de acordo com Bensinger (2018). Chuck Blazer²³ por exemplo, um dos mais altos dirigentes do futebol nos EUA, não se juntou às comemorações, apenas se levantou para abraçar Mohammed bin Hammam²⁴, e voltou a sentar-se.

De facto, o próprio permaneceu imóvel, e apesar de ter votado a favor da Rússia em vez da Inglaterra, como sede do Mundial 2018, admitiu posteriormente que tinha ficado chocado quando os EUA não ganharam a candidatura de 2022.

²² Ex vice-primeiro Ministro russo

²³ Ex dirigente do futebol americano

²⁴ Antigo dirigente de futebol do Catar

Depois de confirmada a vitória, Vladimir Putin aterrou em Zurique, e protagonizou um episódio que ficou bastante conhecido. Numa conferência de imprensa organizada à pressa, agradeceu a Blatter e insistiu que a Rússia estaria pronta para sediar o Mundial. Depois criticou abertamente aqueles que acreditavam que a vitória russa tinha dependido do seu peso político, e do dinheiro dos oligarcas russos, onde se encontra Roman Abramovich, e não por mérito. Putin afirmou ainda, em tom de ironia que *“he hoped Abramovich, who he said was wallowing in money, would chip in for some of the stadium construction”* (Bensinger, 2018).

Os adeptos de futebol por todo o mundo questionaram a imparcialidade da votação, enquanto vários comentadores de imprensa, interrogavam-se sobre o facto de terem saído vencedores, os dois países menos adequados para sediar um Mundial de Futebol.

Até 2018, este foi o Mundial mais caro da história do torneio, com despesas que rondam os 19,4 mil milhões de dólares (McDonnell, 2019). Grande parte deste investimento, foi benéfico para a população, uma vez que possibilitou o financiamento de projetos, como o da construção de várias linhas de transporte que conectavam as várias cidades do torneio.

De acordo com Lawrence McDonnell (2019), o Mundial serviu como uma grande vitrine para a Rússia, onde existiu provavelmente a maior diversidade de sempre de visitantes internacionais em solo russo. Estima-se que, a audiência televisiva do Mundial tenha quebrado vários recordes, chegando a cerca de 3,4 bilhões de espectadores ao longo do torneio (McDonnell, 2019).

Para além do impacto global que o Mundial teve em termos de visibilidade, o evento teve também efeitos transformadores dentro da própria Rússia. De acordo com McDonnell (2019), tradicionalmente, os turistas que visitavam o país, limitavam-se a visitar Moscovo, ou São Petersburgo, ou seja, as cidades mais conhecidas. Contudo, durante o verão em que se realizou o Mundial, milhares de visitantes acabaram por visitar várias localidades fora dos destinos habituais, como Kazan, Kaliningrad, Samara entre outras. McDonnell (2019) destaca o exemplo de Saransk, localizada a cerca de 600 km a sudeste de Moscovo e com uma população de 300 mil habitantes.

Nesta cidade foi construído para o Mundial de 2018 o estádio Arena Mordóvia, com uma capacidade de cerca de 45 mil espectadores. No entanto, o contraste com o passado é gritante, uma vez que o estádio antigo da cidade tinha capacidade para apenas 2 mil adeptos. Saransk é apenas um exemplo do impacto que um Mundial de Futebol pode ter num país, uma vez que, segundo alguns relatórios, *“the people of Saransk were exposed in one month to 235 times more foreigners than they are likely to see in the city in any given month”* (McDonnell, 2019, p.10).

O Mundial de Futebol de 2018 ficará para sempre na história desta pequena cidade russa, que durante um mês teve os holofotes do Mundo todos virados para si.

Contudo, e apesar de se ter revelado benéfico para a Rússia em diversos aspetos, o Mundial de 2018 foi palco de várias polémicas e controvérsias. A sua nomeação como sede do Mundial, como já tinha sido referido, esteve envolta em acusações e suspeitas, que levantaram várias dúvidas sobre o processo de atribuição do torneio. De acordo com Dan Kedmey, jornalista do *TIME*, um relatório que veio a público revelou que alguns responsáveis da FIFA foram subornados com obras de arte valiosas, quando a Rússia se candidatou para sediar o Mundial de 2018. De acordo com uma notícia do *TIME* de 1 de dezembro de 2014:

“allegations that Russia’s successful bid to host the tournament in 2018 was bolstered by a handout of a Picasso painting to FIFA executive member Michel Platini. Belgian executive committee member Michel D’Hooghe also allegedly accepted a valuable painting” (Kedmey, 2014)

Michel Platini ²⁵ rejeitou estas alegações, afirmando que eram totalmente inventadas, enquanto Michel D’Hooghe ²⁶ caracterizou o possível quadro que lhe ofereceram, como sendo *“absolutely ugly”* (...) *and insisted it had no bearing on his vote, which he said did not go in favor of Russia*” (Kedmey, 2014).

É importante relembrar que entre o Mundial de 2010 na África do Sul e o de 2018 na Rússia, a FIFA viu-se envolvida em vários casos de corrupção. No dia 27 de maio de 2015, o governo dos EUA acusou 14 membros da FIFA de lavagem de dinheiro, extorsão e fraude eletrónica (Gregory, S. 2015). De acordo com Sean Gregory (2015) o procurador-geral da Suíça anunciou que a polícia realizou buscas na sede da FIFA para apreender provas relacionadas com uma possível corrupção em torno da decisão controversa, de atribuir o Mundial de Futebol de 2018 à Rússia, e o de 2022 ao Catar. Gregory (2015) destaca que:

“for years, people have been waiting for somebody big to take on FIFA,” says Laurent Dubois, a Duke University history professor who has written a book on World Cup politics. “I just never thought that day would actually happen” (Gregory, 2015).

Como já tinha sido referido anteriormente, após várias denúncias de corrupção no processo de votação em 2010, a FIFA criou o Comité de Ética que se encontrava dividido em dois ramos, a investigação e o julgamento. Michael J. Garcia²⁷ foi nomeado como presidente do ramo de

²⁵ Ex-jogador francês e ex-presidente da UEFA

²⁶ Ex-dirigente de futebol belga

²⁷ Advogado americano que liderou as investigações sobre as alegações de corrupção na FIFA

investigação e tinha como objetivo investigar possíveis subornos, compra de votos ou outras irregularidades relacionadas com a atribuição do Mundial de 2018 e de 2022, depois de várias denúncias de corrupção.

Em setembro de 2014, Michael Garcia apresentou à FIFA um relatório de 430 páginas, que ficou conhecido como o *Garcia Report*. A FIFA apenas divulgou um sumário desse relatório, sumário este que segundo Garcia “*misrepresented his conclusions*” (The Guardian, 2014). De acordo com uma notícia do *The Guardian* de 2014, a Rússia e o Catar foram ilibados, apesar de nas conclusões do relatório de Michael Garcia existir “*an observation that the Russia bid had destroyed documents and emails were now unavailable – hampering investigation of allegations around it*” (The Guardian, 13 novembro, 2014). De acordo com o resumo feito pela FIFA:

“The Russia bid committee made only a limited number of documents available for review, which was explained by the fact that the computers used at the time by the Russia bid committee had been leased and returned to their owner after the bidding process (...) The owner has confirmed the computers were destroyed in the meantime” (The Guardian, 13 novembro, 2014).

Alexey Sorokin, líder do comité de organização russo do Mundial de 2018, esclareceu que foi fornecida toda a informação que podia ter sido dada à investigação (The Guardian, 2014). De acordo com as suas palavras, Sorokin afirma:

“We are sure that our bid was transparent. We did not commit any violations. We were always sure that they would not find anything unlawful,” he said. “We handed over everything that we could. You have to understand that four years had passed and some information is simply forgotten” (The Guardian, 13 novembro, 2014).

Por sua vez Vyacheslav Koloskov²⁸, numa entrevista dada ao jornal, esclareceu que a vitória da candidatura russa nada tinha a ver com corrupção. Segundo o mesmo, os membros do Comité de candidatura, apenas ofereceram presentes baratos, como xales tradicionais russos e relógios baratos como presentes para promover a sua candidatura, que não custaram ao todo, mais que 300 dólares (The Guardian, 13 novembro, 2014). Koloskov acreditava que “*the strength of our bid was that we met with everyone, with all members of fifa, plus the president personally helped promote us. This huge effort was the basis of our bid*” (The Guardian, 13 novembro, 2014).

²⁸ Ex-presidente da Federação de Futebol Russa

Se a atribuição da sede à Rússia já tinha gerado bastante polémica, alguns acontecimentos relacionados com os direitos humanos e liberdade de expressão antes e durante o Mundial provocaram várias críticas da comunidade internacional. De acordo com um artigo da organização *Human Rights Watch*, escrito por Minky Worden, depois desta polémica, que explodiu em 2015, relacionada com a atribuição dos Mundiais de 2018 e 2022, a FIFA estava com um grave problema de reputação, uma vez que houve uma reação pública negativa devido ao historial de direitos humanos destes países.

Para tentar limpar a sua imagem, a FIFA exigiu algumas normas mínimas relacionadas com os direitos humanos, que os países que acolhessem o Mundial de Futebol teriam de cumprir. De acordo com a autora, a Rússia é um país “*openly hostile to LGBT people*” (Worden, 2018) e é necessário, segundo a mesma, que a Fifa seja capaz de implementar estas normas, especialmente em anfitriões que são repressivos. Worden destaca que em Junho de 2018 ocorreu:

“The fifth anniversary of Russia’s discriminatory anti-gay “propaganda” law. Adopted months before the 2014 Sochi Olympics, the law penalizes LGBT advocacy and creates a dangerous climate of stigma and violence for LGBT people. Anti-gay violence has increased so much in Russia that F.A.R.E., an organization that works to counter discrimination in soccer, warned fans attending the World Cup with their same-sex partners not to hold hands in public” (Worden, 2018).

De acordo com a autora, em 2017, a República russa da Chechénia realizou uma perseguição anti LGBTQ+, onde as forças de segurança detiveram vários homens suspeitos de serem bissexuais ou homossexuais. Worden destaca ainda as palavras de Ramzan Kadyrov²⁹, governante da Chechénia, que afirmou que não existem homossexuais naquela zona, e que “*to purify our blood, if there are any here, take them*” (Worden, 2018). A autora afirma que a FIFA, para além de ignorar esta situação de homofobia, acabou recompensou a região, incluindo a cidade de Grozny, capital da Chechénia, numa lista de locais de treino do Mundial de 2018 para as várias seleções que iriam disputar o Mundial.

Este local acabaria por ser usado como centro de estágios da Seleção do Egipto, que escolheu esta região com base numa lista oferecida pela FIFA. A própria estrela da seleção egípcia e do Liverpool, Mohamed Salah, viria a receber pelas mãos de Ramzan Kadyrov, o título de cidadão honorário (Record, 24 junho, 2018). Salah terá sido bastante acarinhado como se pode observar na Figura 7, numa sessão de fotos no estádio onde foram aplaudidos por 5 mil

²⁹ Líder da República da Chechénia

adeptos (Record, 24 junho, 2018), numa foto que a Amnistia Internacional classifica como “*pure sportswashing*” (BBC, 12 junho, 2018).

Segundo esta notícia do jornal Record (24 junho, 2018), o líder checheno, apoiado pelo governo russo, terá aproveitado a popularidade de Salah no mundo do futebol para tentar fugir ou apagar as acusações de que foi alvo.

Figura 7- Mohamed Salah e Ramzan Kadyrov, 2018



Fonte: <https://www.bbc.com/sport/football/44451415>

Estas políticas anti homossexuais entram em conflito com os estatutos da FIFA, que alertam que qualquer tipo de discriminação “*is strictly prohibited and punishable by suspension or expulsion*” (Worden, 2018). A autora destaca as palavras de Federico Addiechi, responsável pela sustentabilidade e diversidade da FIFA, que afirma que:

“If there are any cases of abuse, or even possibility of human rights defenders or journalists being forced into a difficult corner, then according to our statutes and human rights policy, FIFA will intervene” (Worden, 2018).

Já numa carta de 2017, Fatma Samoura, secretária-geral da FIFA, escreveu sobre o acontecimento que ocorreu na Chechénia, e alertou que os ambientes dos eventos feitos pela FIFA precisam de ser livres de discriminação (Worden, 2018). De acordo com Worden (2018), para se receber um Mundial é necessário abrir mão da sua soberania nacional. Nos Mundiais anteriores, a FIFA exigiu e obteve algumas alterações nas leis nacionais. Na África do Sul, por exemplo, foram criados vários tribunais, que permitiam processar pequenos crimes relacionados com o torneio.

Worden (2018) acredita que a FIFA deveria ter declarado abertamente que esperava que a Rússia possuísse um ambiente acolhedor para os fãs, e deixar claro *“that the country will be held responsible for conveying that message to all of local officials and staff, at the matches and beyond the playing fields”* (Worden, 2018). Indiretamente, esta ação iria servir de aviso para países como o Catar, ou outros países que sejam contra estas políticas, de que, se não reformarem as suas leis, não poderiam acolher um torneio da FIFA.

Worden (2018), vai ainda mais longe, e afirma que se a FIFA não for capaz de aplicar estas regras, marcas como a *Coca-Cola* ou *McDonald's*, que são os patrocinadores principais do torneio, devem reagir *“with policies banning discrimination need to protect their own reputations by insisting that FIFA live up to its promises”* (Worden, 2018).

É ainda importante referir que antes de receber o Mundial de 2018, a Rússia encontrava-se numa situação frágil na esfera global. Depois de anexar em 2014, a zona da Crimeia e os subsequentes conflitos entre o país e a Ucrânia, as tensões entre a Rússia, a Europa e os EUA aumentaram. De acordo com Iman Aib, Rabia Malik e Zunera Malik (2022), receber um Mundial nestas condições, acabou por ser uma grande oportunidade para a Rússia reposicionar a sua posição no panorama da política global, e consequentemente, restaurar as relações deterioradas com o ocidente.

O Mundial acabou por servir como forma de reforçar e manter o nacionalismo russo, através de *soft power*, permitindo à Rússia utilizar o desporto e os média como um dos principais meios de desenvolvimento e reforço da identidade nacional (Aib et al., 2022, p.831). A ideia de *soft power*, deriva, de acordo com os autores, de Joseph S. Nye, que descreve esta teoria como:

“as opposed to military power or coercion through violence and aggression, is art of getting the others to ‘want what you want’ by influencing their behaviour and changing their perspectives” (Nye apud Aib et al., 2022, p.831).

A FIFA, por sua vez, recebeu várias críticas por posicionar-se ao lado russo. Em 2014, como já foi referido, a FIFA ilibou a Rússia de qualquer irregularidade na candidatura ao Mundial de 2018, apesar das várias críticas do Ocidente, que acreditava que a organização do Mundial, iria favorecer Putin (EuroNews, 23 maio, 2019). De acordo com uma notícia da *EuroNews*, Putin tinha dito na altura *“that the World Cup had helped debunk stereotypes about his country”* (EuroNews, 23 maio, 2019).

Por sua vez, o presidente da FIFA, Gianni Infantino, num encontro com Putin, afirmou que o mundo estava “apaixonado” pela Rússia, anfitriã do Mundial, e elogiou o presidente russo

por ter sido capaz de ultrapassar os estereótipos negativos relacionados com o país (RFI, 7 julho, 2018). Nas palavras de Infantino:

"We all fell in love with Russia (...) everyone who has been here for a period of time now has discovered a country that we didn't know (...) all the fears that some were trying to put on us with regards to this World Cup, well not only they were not true but it's actually the opposite" (RFI, 7 julho, 2018).

O Mundial de 2018 realizado na Rússia acentuou de forma clara a tendência da FIFA em privilegiar os interesses económicos e políticos, em detrimento dos valores que proclama defender. Apesar de ter sido vista pela FIFA como uma aposta de modernidade e expansão de mercados, acabou por ignorar por completo as críticas internacionais feitas ao regime de Putin. A postura da FIFA foi uma vez mais de cumplicidade, já que em vez de reconhecer os limites éticos e políticos da escolha da Rússia, preferiu transformar o torneio num espetáculo desportivo acima da política, ocultando a instrumentalização evidente utilizada no Mundial.

De certa forma repetiu-se aquilo que tinha acontecido na Argentina em 1978, onde a FIFA privilegiou a estabilidade do torneio e as vantagens financeiras da sua realização, em detrimento de uma posição coerente com os valores que diz defender. Para além disso, vale a pena sublinhar que após 4 anos do final do Mundial de 2018, a Rússia viu-se afastada do futebol internacional e do próprio Mundial seguinte, em 2022, depois da FIFA e da UEFA terem suspenso todos os clubes russos, e a sua seleção de qualquer competição, após a Rússia ter invadido a Ucrânia em 2022 (AlJazeera, 2022).

Desta forma, o Mundial da Rússia demonstrou ao mundo que para a FIFA, a manutenção da influência e prestígio global da instituição continuam a ter mais peso na balança do que a defesa da transparência, da justiça e da ética desportiva da mesma.

CAPÍTULO 4

FIFA WORLD CUP 2022 - Catar

Semelhante ao que aconteceu após a nomeação da Rússia como anfitriã do Mundial de 2018, a escolha do Catar como sede do Mundial de 2022 gerou várias contradições e polémicas. Uma das principais razões para estas críticas está diretamente ligada ao facto do Catar não possuir uma tradição futebolística consolidada, o que não foi bem visto, tanto pela comunidade internacional, como pelos fãs de futebol.

No entanto, para entender o percurso que levou à nomeação do Catar como sede do Mundial de 2022, é necessário recuar e analisar o rápido desenvolvimento do país nos últimos anos. De acordo com Hugo Pinto Gonçalves (2023), um dos momentos mais importantes da história recente do Catar, foi a criação, em 2008 de um plano para reformar a economia do país até 2030, conhecido como *Qatar's National Vision 2030*³⁰. Este plano tinha vários objetivos para desenvolver tanto o capital humano, como o social do país, enquanto pretendia modernizar a economia, reduzindo a dependência das receitas do petróleo, e implementando, ao mesmo tempo, medidas que permitissem combater o aquecimento global.

Para o governo do Catar, ter a oportunidade de realizar um evento com a dimensão do Mundial de Futebol:

“proved to be the ideal occasion to boost its international affirmation strategy, with the help of diplomacy and sport, aiming at specific international objectives that are lucrative for the country” (McManus & Amara, 2021 *apud* Gonçalves, 2023, p.69).

Geograficamente o Catar é um país que para além de pequeno, possui uma baixa densidade populacional, o que por sua vez, limita a capacidade do país exercer poder militar ou económico direto, comparado por exemplo, com os seus países vizinhos. Estas limitações, levaram o Catar a adotar estratégias de *soft power*³¹, com o objetivo de afirmar-se como uma referência no panorama internacional.

Assim, e neste contexto, segundo Gonçalves (2023), o investimento em eventos desportivos, como foi o caso do Mundial de Futebol de 2022, funcionou como uma espécie de

³⁰ Plano estratégico do Catar para transformar o país numa sociedade avançada até 2030

³¹ Teoria desenvolvida pelo americano Joseph Nye, que propõe que um país pode exercer influência global não pela força, mas por meios culturais, diplomáticos ou de valores, conquistando o respeito e admiração de outros países

vitrine, que possibilitou projetar a sua capacidade organizacional, diferenciando-se no cenário global, e conseqüentemente promovendo a imagem de um país moderno e hospitaleiro. De acordo com o autor, a nível interno, o desporto é visto como um construtor de identidade cultural e uma fonte de orgulho nacional, utilizando-o como uma ferramenta diplomática “*to establish new relationships and define its reputation and status on the international stage*” (McManus & Amara, 2021 *apud* Gonçalves, 2023, p.69).

Gonçalves (2023), destaca ainda que esta forma utilizada pelo Catar, de entrelaçar o desporto com a diplomacia, acaba por revelar, uma intenção especial, que se centra no desejo de alcançar, tanto poder, como o reconhecimento internacional, utilizando, como já foi referido anteriormente, o *soft power*, para alcançar este fim.

Nas últimas décadas o Catar diversificou várias alianças com os EUA, a China, o Japão e alguns países europeus, o que permitiu projetar a imagem de um país moderno, progressista e aberto ao exterior. A vitória em 2010 para ser o anfitrião do Mundial de 2022, reforçou a projeção da imagem do país para o exterior, sendo um dos grandes projetos de afirmação do Catar (Gonçalves, 2023, p.73).

Para Gonçalves (2023) a utilização do desporto como uma ferramenta diplomática é um exemplo de *soft power*, uma vez que com a organização do Mundial de Futebol, o Catar teve a oportunidade de mostrar ao mundo, a sua cultura, hospitalidade e tradições, já que recebeu adeptos de todos os cantos do mundo, reforçando a sua imagem e reputação para com o exterior.

Entre 2006 e 2022 o Catar acolheu inúmeras competições internacionais, das mais variadas modalidades, desde natação até à *Fórmula 1*, sendo reconhecido como um anfitrião de excelência. Contudo, e apesar do enorme destaque e do acompanhamento internacional que teve, o Mundial de 2022 enfrentou várias críticas “*especially at the political, infrastructure and human rights areas*” (Gonçalves, 2023, p.76).

Em 2010, na mesma altura em que a Rússia é escolhida para sediar o Mundial de 2018, o Catar é escolhido para ser o anfitrião do Mundial de 2022, o primeiro a ser sediado no Médio Oriente. De acordo com Gonçalves (2023) as diferenças sociais que existiam entre o país e o Mundo Ocidental, levantaram logo algumas críticas e questões. O torneio foi visto pelo país como uma oportunidade de modernizar-se e projetar a sua imagem internacionalmente, desenvolvendo o seu turismo e as suas infraestruturas. Contudo, e ao longo deste processo, existiram várias controvérsias associadas à organização do Mundial. Primeiramente, assim como aconteceu no caso russo:

“The choice of Qatar led to allegations of corruption and bribery of FIFA officials with voting power in the selection of the host country. Similar allegations were made

regarding the 2018 World Cup in Russia, which, combined with other adverse events, led to the FIFA scandal in 2015 and the consequent resignation of President Joseph Blatter” (New York Times, 2020 apud Gonçalves, 2023, p.78).

Existem ainda algumas alegações de possíveis subornos e corrupção, que tenha beneficiado a candidatura do Catar, e a tenha colocado como vencedora, de entre todas as outras. Becky Sullivan (2022) frisa as palavras de James Montague, um jornalista que escreveu sobre o Qatar e o Mundial de 2022:

“There has been just so many allegations of corruption against the Qatari bid – of political machinations going on, in terms of government deals, gas deals between countries that would have a vote on who would host the World Cup finals” (Sullivan, 2022).

Já em 2022 o antigo presidente da FIFA, Joseph Blatter admitiu que levar o Mundial para o Qatar foi um erro, uma vez que, segundo as palavras do mesmo *“it was based on a decision when I was president, and therefore I bear part of the responsibility for it” (Blatter, apud RFI, 8 novembro, 2022).* De acordo com Blatter, o próprio teria votado nos Estados Unidos, como sede do Mundial de 2022, e culpa o naquela altura, presidente da UEFA e lenda do futebol francesa, Michel Platini, por ter influenciado a votação a favor do Qatar, a mando do então presidente francês Nicolas Sarkozy³² (RFI, 8 novembro, 2022).

De acordo com Blatter, Sarkozy teria recomendado a Platini que votasse no Qatar como anfitrião do Mundial 2022. No podcast *Heroes & Humans* Blatter descreveu um telefonema que teve com Platini, onde, este último afirmou que pretendia votar pelos EUA, como sede do Mundial, até ter participado numa reunião entre o presidente francês, Nicholas Sarkozy e Hamad bin Khalifa Al-Thani³³. Segundo Blatter, no telefonema:

“Platini called me and said: ‘Sepp, we have a problem. [Sarkozy] has asked me to vote for Qatar. It was not even a recommendation – [Sarkozy] said that if you and your [colleagues] could vote for Qatar it would be nice.’ [...]” (Blatter, 2022 apud Podnews, 19 setembro, 2024).

Este interesse de Sarkozy pode ser explicado por vários motivos. Primeiramente, de acordo com uma notícia do *The Guardian*, o *France’s Parquet National Financier*³⁴ (PNF), responsável por investigar os crimes financeiros graves em França, investiga desde 2017, uma possível corrupção na votação que tornou o Catar o anfitrião do Mundial de 2022, e onde a

³² Presidente francês entre 2007 e 2012

³³ Emir do Catar entre 1995 e 2013

³⁴ Órgão do Ministério Público Francês, especializado no combate a crimes financeiros mais complexos

França pode estar envolvida. De acordo com a mesma notícia, o jornal francês *Le Monde* noticiou que o PNF está “*particularly interested in the now famous lunch nine days before the vote, to which Platini was invited by the French president, Nicolas Sarkozy*” (Conn, 2019).

Platini conta que, após ter chegado ao Élysée Palace, encontrou Sarkozy acompanhado por Tamim Al-Thani, o então filho do Emir do Catar. Segundo Conn (2019), Platini afirmou que era claro que Sarkozy “*wanted the Qataris to take over the club he supported, Paris St-Germain, and for Platini to vote for Qatar to host the World Cup*” (Conn, 2019). De acordo com Conn (2019), Platini afirmou que teria decidido votar a favor do Catar, antes deste almoço, tendo, no entanto, ponderado, inicialmente, votar a favor dos EUA.

Contudo, afirmou que ao chegar ao almoço, e depois de ter visto todos os convidados, percebeu que Sarkozy estava a apoiar a candidatura do Catar, mas insistiu que não se deixou influenciar, assim como Sarkozy negou ter influenciado qualquer decisão de Platini (Conn, 2019).

A realidade é que seis meses depois do Mundial de 2022 ter sido atribuído ao Catar, um dos fundos soberanos do país, o *Qatar Sports Investments*³⁵, assumiu o controlo do *Paris Saint-Germain*, que nesta altura, ainda enfrentava várias dificuldades financeiras (Conn, 2019). Graças a este investimento, o PSG conseguiu a hegemonia do futebol francês, contando com 11 títulos da Ligue 1³⁶, 8 títulos da taça francesa, e uma UEFA Champions League, conquistada em 2025, para além da aquisição de super-estrelas, como Lionel Messi, Neymar Jr ou Kylian Mbappé.

Para além disto, a *beIN*, emissora do Catar, comprou os direitos televisivos da Ligue 1 em França e continua a pagar quantias elevadas pelos direitos de transmissão do futebol francês. O seu presidente Nasser Al-Khelaifi, é curiosamente também presidente do Paris Saint-Germain.

No entanto, um dos problemas principais, se não o maior, relativamente à escolha do Catar como sede do Mundial de 2022 está diretamente relacionado com os direitos humanos. De acordo com Gonçalves (2023) um Mundial de Futebol tem o poder de conseguir promover os direitos humanos “*by fighting discrimination, supporting social development, or creating and improving job opportunities*” (Gonçalves, 2023, p.78). Contudo, no Mundial de 2022, aconteceu totalmente o oposto, uma vez que “*the system used to regulate the employment of migrant workers was heavily censored*” (Gonçalves, 2023, p.78).

³⁵ Empresa de investimentos ligada ao Catar

³⁶ 1º Liga de Futebol Francesa

Este sistema, denominado *kafala system*, faz com que o visto e a permanência do trabalhador estrangeiro no país dependam do empregador, o que gera uma grande dependência e facilita os abusos laborais. Com a organização do Mundial de Futebol em 2022, tanto a opinião pública internacional, como a de várias organizações internacionais e sindicatos, começaram a reprovar este sistema, uma vez *“facilitates the exploitation and mistreatment of migrant workers”* (Al Thani, 2021 *apud* Gonçalves, 2023, p.78). O empregador possui, assim, um controlo total sobre o trabalhador, podendo decidir a sua vida e, por sua vez, restringir a sua liberdade.

De acordo com um relatório da International Trade Union Confederation³⁷ (2014) o Catar possui um governo que não se responsabiliza pelos trabalhadores. Apesar dos contactos frequentes com as autoridades do país, desde o final de 2011, não parece existir vontade política ou progresso para que o Catar *“implementing labour-related commitments of the Qatar National Vision 2030 to reform kafala and ratify a further fourteen ILO conventions”* (ITUC Special Report, 2014, p.6).

Estas 14 convenções da ILO (International Labour Organization) são acordos internacionais que definem os padrões mínimos de proteção dos trabalhadores, onde se destacam direitos como a liberdade sindical, igualdade no emprego ou a eliminação de trabalho forçado. A FIFA, segundo este relatório, afirmou que espera que as normas internacionais de comportamento sejam respeitadas por todos os anfitriões e que o Mundial de Futebol *“can trigger positive social change in Qatar, including improving the labour rights and conditions of migrant workers”* (ITUC Special Report, 2014, p.6). No dia 21 de Novembro de 2013, a FIFA apelou aos:

“Economic and political leaders to join the football community in contributing to ensure that the International Labour Organization’s core labour standards are introduced quickly, consistently and on a sustained basis in Qatar” (ITUC Special Report, 2014, p.6).

Contudo, segundo este relatório, a resposta do Catar às críticas públicas e aos contactos oficiais foi *“piecemeal, anarchic and focused on public relations”* (ITUC Special Report, 2014, p.6). Apesar das promessas feitas em público, o Catar não fez qualquer alteração à lei *kafala*, para além de não existir qualquer iniciativa em alinhar a legislação do país com os padrões internacionais, e de ter recusado trabalhar com empresas internacionais de contratação de mão-de-obra (ITUC Special Report, 2014, p.6). O relatório afirma ainda que as *“Workers Charters”*,

³⁷ Principal organização sindical internacional

ou código de conduta laboral, promovidas pelo Catar nos meios de comunicação, não fizeram qualquer diferença, uma vez que os números de mortes estavam a aumentar.

De acordo com uma estimativa feita pela ITUC, acredita-se que mais de:

“4,000 more workers will die before the start of the World Cup in 2022. The estimation of deaths in Qatar is conservative and based on the tragic statistics collected by two embassies only – Nepal and India – which account for around 50% of the total migrant workforce” (ITUC Special Report, 2014, p.14).

Assim e durante a construção dos estádios que iriam receber os jogos do Mundial de 2022, várias vidas foram perdidas o que gerou várias reações. Gonçalves (2023) afirma que a FIFA poderia ter sido mais cautelosa ao desenvolver alguns planos ou estratégias, que conseguissem garantir melhores condições para estes trabalhadores. A Amnistia Internacional, por sua vez, criticou a FIFA, já que esta não cumpriu as suas responsabilidades em matérias de direitos humanos ao *“refusing to commit to compensate migrant workers and their families for abuses while preparing and delivering the World Cup 2022 tournament in Qatar”* (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

Depois de um apelo feito por uma coligação de organizações, para que a FIFA compensasse os trabalhadores explorados no Catar, esta afirmou que estaria empenhada em identificar formas de indemnizar os trabalhadores migrantes, que enfrentaram problemas como ferimentos, roubos de salários e até mortes. Contudo, na véspera do Mundial de 2022, de acordo com a Amnistia Internacional, a FIFA *“failed to release any plan to do so and instead announced a new ‘Legacy Fund’ that currently includes no provision for workers’ compensation”* (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

Este *Legacy Fund*, foi um fundo criado pela FIFA, com o objetivo de financiar tanto projetos de desenvolvimento do futebol como iniciativas sociais, como forma de deixar um legado positivo do torneio.

O presidente da FIFA, Gianni Infantino, fez também, alguns comentários que este artigo, lançado pela Amnistia, descreve como enganosos. Segundo Infantino, os trabalhadores lesados podiam simplesmente aceder a indemnizações através de mecanismos existentes no Catar. No entanto, estes mecanismos não foram criados *“to provide compensation on any meaningful scale related to deaths, injuries, and historic wage theft”* (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

De acordo com o artigo da Amnistia Internacional, o maior obstáculo para a grande maioria das mortes dos trabalhadores migrantes no Catar, onde as famílias dos mesmo não possuem qualquer direito a uma indemnização, advém das *“authorities attributed them to “natural*

causes” or “cardiac arrest” without proper investigation into the underlying cause of death” (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022). De acordo com a Lei do Trabalho do Catar apenas as mortes ou lesões que estejam diretamente relacionadas com o trabalho é que exigem que os empregadores paguem estas indenizações.

O artigo descreve ainda que ao entrar na última semana do Mundial de 2022, as organizações pediram à FIFA que utilizasse o *Legacy Fund* para financiar as indenizações aos trabalhadores e às famílias daqueles que faleceram. Tirana Hassan, diretora executiva interina da organização Human Rights Watch afirma que:

“FIFA’s egregious whitewashing of serious abuses against migrant workers in Qatar is both a global embarrassment and a sinister tactic to escape its human rights responsibility to compensate thousands of workers who faced abuse and the families of those who died to make this World Cup possible (...) FIFA continues to cash in on billions of dollars in revenue but refuses to offer a single cent for the families of migrant workers who died or those workers who were cheated out of their wages” (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

Por sua vez, Steve Cockburn, chefe da Justiça Económica e Social da Amnistia Internacional, afirma que milhares de trabalhadores migrantes que pagaram taxas ilegais, não tiveram direito aos seus salários roubados ou perderam a vida para tornar possível a realização do Mundial de 2022. Cockburn vai ainda mais longe e afirma que *“it would be outrageous for FIFA’s Legacy Fund not to recognize their contribution and compensate them for their losses”* (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

Para Cockburn, a FIFA devia fazer a coisa certa e canalizar o *Legacy Fund* para os trabalhadores e para as suas famílias, ou então trabalhar juntamente com o governo do Catar, de forma a garantir que todos os trabalhadores tenham acesso à indenização que merecem. Assim a FIFA teria a possibilidade de fazer a *“lasting difference to the lives of the true heroes behind this World Cup”* (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

O relatório da *International Trade Union Confederation* de 2014 afirma ainda que o Mundial de 2022 está em primeiro lugar numa tabela que conta as mortes de trabalhadores relacionadas com megaeventos desportivos. Para se ter uma pequena ideia do impacto que este Mundial teve, estima-se que cerca de 4.000 trabalhadores poderiam morrer antes do pontapé de saída inicial do primeiro jogo do torneio, e cerca de 1.200 morreram desde que o Mundial foi atribuído em 2010 ao Catar (ITUC Special Report, 2014, p.15).

Estes números impressionam ainda mais quando comparados com os outros megaeventos desportivos, como se pode observar na Figura 8, onde o Mundial de 2018 na Rússia ou o de 2014 no Brasil tiveram 5 e 7 mortes respetivamente.

O relatório acaba ainda por oferecer alguns relatos de pessoas que foram diretamente afetadas pelos acontecimentos que ocorriam no Catar. Uma dessas pessoas é Adrian, um Gestor de Construção no Catar que relata:

“Site safety is the worst I have encountered in 30 years in construction (...) numerous accidents are not being reported. I complained and recorded everything which was falling on deaf ears. I reported safety concerns to an outside agent working with various government parties. I also reported this to the head of H&S, who said he would take it up (...) The site stank of urine constantly; the work was being done from unsafe scaffolding. I went on site one morning at 5:00 am and there was blood everywhere. I don’t know what happened, but it was covered up with no report. When I reported this, I was told that if I didn’t stop complaining, I would be dismissed” (ITUC Special Report, 2014, p.14).

Figura 8- Gráfico da ITC Special Report, que indica o número de fatalidades de trabalhadores na organização de megaeventos desportivos



Fonte: https://www.ituc-csi.org/IMG/pdf/the_case_against_qatar_en_web170314.pdf

A Amnistia Internacional (2022) estima que a FIFA conseguiu gerar cerca de 7,5 milhões de dólares com o Mundial de 2022, e deveria ter dado uma importância maior aos direitos humanos, do que aos milhões que o Mundial produziu. A 19 de maio de 2022, é lançada a campanha #PayUpFIFA³⁸, que resultou numa coligação de organizações de direitos humanos, sindicatos e adeptos e que pediu à FIFA que estabeleça-se com o Catar “*a comprehensive programme to provide remedy for all abuses related to the 2022 World Cup*” (Amnistia Internacional, 12 dezembro, 2022).

Contudo, e de acordo com Rohith Nair (2024):

“a FIFA sub-committee report on Qatar's 2022 World Cup legacy said soccer's world governing body has a responsibility to compensate migrant workers but the organisation has not acted on a recommendation to do that by using its legacy fund” (Nair, 2024).

Nair (2024) esclarece que este relatório foi elaborado depois de ter sido analisado um pedido feito no Congresso da FIFA, pela Federação de Futebol Norueguesa, que questionou as medidas que a FIFA poderia tomar para compensar os trabalhadores lesados. A realidade, é que este *Legacy Fund* lançado pela FIFA, e criticado pela Amnistia Internacional, como anteriormente aqui dito, não tinha qualquer solução, ou oferecia qualquer ajuda às famílias dos trabalhadores que morreram, ou foram explorados na construção dos Estádios para o Mundial do Catar (Nair, 2024).

Assim, embora a FIFA tenha reconhecido publicamente a necessidade de proteger o direito dos trabalhadores migrantes, as suas ações diretas, demonstram uma clara falta de compromisso, em garantir soluções concretas, ou até mesmo justiça para com as vítimas dos abusos ocorridos no Catar.

O *Workers' Support and Insurance Fund*³⁹, criado em 2018, após a pressão internacional, destinava-se a pagar compensações ou salários em atraso, mas que por sua vez, tinha limitações, e não respondia às principais reivindicações sobre as mortes ou as explorações que ocorreram nas preparações para o Mundial 2022. Assim, apesar de Gianni Infantino, presidente da FIFA, apontar para o *Workers' Support and Insurance Fund* como uma solução, uma vez que o mesmo

³⁸ Movimento liderado por grupos de direitos humanos que exige que a FIFA e o governo do Catar criem um fundo que compense os trabalhadores migrantes do Mundial de 2022

³⁹ Entidade governamental criada em 2018 no Catar, com o objetivo de proteger e garantir os direitos dos trabalhadores migrantes

já teria oferecido cerca de 350 milhões de dólares aos trabalhadores (Nair, 2024), a realidade não era bem assim.

O próprio *Legacy Fund* apresentado como uma herança bastante positiva do torneio, acabou também por excluir qualquer mecanismo de apoio ou indenização direta, apesar das constantes pressões da comunidade internacional. Desta forma, até aos dias de hoje, a FIFA evita sistematicamente assumir qualquer responsabilidade quanto à matéria de direitos humanos que tenha acontecido na realização dos estádios ou infraestruturas para o Mundial de 2022, limitando-se a apoiar soluções parciais do governo do Catar, e ignorando por completo as reivindicações dos trabalhadores e das suas famílias, fundamentais para realização do Mundial.

Para além das graves violações dos direitos laborais dos trabalhadores migrantes, o Mundial 2022, e o próprio Catar levantaram várias preocupações relativamente aos direitos da comunidade LGBTQ+. Em 2022, numa entrevista ao canal alemão *ZDF*, o embaixador do Mundial do Catar, Khalid Salman descreveu a homossexualidade como “*damage in the mind*” (Bull & Younes, 2022), para além de ter destacado que ser homossexual é “*haram*” ou seja, proibido. Na página do *Human Rights Watch*, Jonas Bull e Rasha Younes, reagiram e criticaram as afirmações do embaixador.

De acordo com os autores, as palavras de Salman são “*harmful and wrong*” (Bull & Younes, 2022), e o governo do Catar deveria rejeitar este preconceito. Para os autores, comentários como este apenas alimentam o preconceito contra esta comunidade e acabam por afetar os direitos humanos básicos. Segundo os autores, a *Human Rights Watch* documentou algumas detenções e maus-tratos “*in detention of LGBT Qataris by the Preventive Security Department*” (Bull & Younes, 2022), e afirmam que como requisito para a sua libertação, as forças de segurança determinaram que as mulheres transgéneras detidas, deveriam participar em sessões de terapia num centro de saúde mental, patrocinado pelo governo.

Os autores afirmam ainda que é difícil aceder a informações fiáveis e precisas sobre a orientação sexual e de identidade de género, na região do Oriente Médio, onde o Catar se situa, devido às várias restrições e censura na comunidade civil. Por fim, os autores alertam que o governo do Catar, a pouco tempo do início, teria de pôr fim aos maus-tratos contra as pessoas da comunidade LGBTQ+, e condenar publicamente a violência contra esta comunidade, reconhecendo ainda “*that having same-sex sexual attraction is not a mental health condition*” (Bull & Younes, 2022).

A FIFA, apesar de dizer que o futebol é um desporto de todos, acabou por sofrer algumas críticas quanto a esta situação. Alguns grupos de adeptos LGBTQ+ acusaram a FIFA e os organizadores do Mundial de 2022 de não levarem a sério as suas preocupações em relação à

competição no Catar (McVitie, 2022). Estes grupos acabaram por emitir uma declaração na qual expressaram a sua decepção para com os organizadores do evento.

Neste comunicado, afirmam que os objetivos eram simples, e pretendiam obter garantias concretas e exemplos de como adeptos, jogadores, jornalistas e até funcionários LGBTQ+ seriam protegidos num país que criminaliza a sua existência, para além de se sentirem ignorados pela FIFA. Segundo o comunicado:

“A founding principle of our group is that we should be able to follow our team as our authentic selves wherever we play in the world without fear for our safety and with freedom from persecution (...) There has been little effort from organisers to proactively engage around the concerns fans and rights groups have raised (...) Instead, we have often heard the well-drummed PR line that 'this is a World Cup for all'... We cannot, in good faith, tell our members – LGBT+ people or allies – that this is a World Cup for all (...) It is clear that fans' voices, especially from minority groups, are not taken seriously by FIFA (...) We are the backbone of the game – listen to us, especially when we are trying to make football a better environment for all.” (McVitie, 2022).

No início da época futebolística de 2020, a Federação de Futebol Holandesa lançou a campanha *One Love*, com o objetivo de *“express their support for unification of all people” and condemn all forms of discrimination* (Syed, 2022). Em setembro de 2022, outras novas nações juntaram-se a este movimento, onde se destacam a França, a Suécia e a Noruega, que iriam adotar esta campanha nos seus jogos futuros, incluindo o Mundial no Catar.

Desta forma, os capitães das equipas concordaram em usar braçadeiras arco-íris, com a palavra *One Love*, e Virgil van Dijk, capitão da seleção holandesa afirmou que:

“this is an important message which suits the game of football: on the field everybody is equal and this should be the case in every place in society. With the OneLove band we express this message” (Van Dijk *apud* Syed, 2022).

Assim, e como a homossexualidade é criminalizada no Catar, esta braçadeira iria servir como uma forma de protesto silencioso, semelhante aquela que aconteceu após a morte de George Floyd, onde os jogadores se ajoelhavam como símbolo de solidariedade contra o racismo, algo que foi adotado pela seleção inglesa durante o Euro 2020. Contudo, no meio de várias regras e estipulações da FIFA sobre os uniformes das equipas, é estreitamente proibido o uso de declarações políticas nos uniformes.

De acordo com a regra 4.3 do regulamento de equipamento da FIFA:

“No item (...) may be worn or used in any controlled area if FIFA considers that it is dangerous, offensive or indecent, includes political, religious, or personal slogans, statements, or images, or otherwise does not comply in full with the laws of the game” (Syed, 2022).

Assim, e desta forma, a FIFA alertou as equipas que queriam espalhar a mensagem *One Love*, poderiam ser sancionadas. No seu primeiro jogo no Mundial de 2022, a seleção alemã defrontou a seleção japonesa, num jogo que ficaria, não só marcado pela emoção que ocorreu durante o jogo, que resultou numa vitória surpreendente do Japão ao cair do pano, como pela polémica que antecedeu o mesmo. No início do jogo, os jogadores da seleção alemã foram fotografados, como podemos observar na Figura 9, com a mão a tapar a boca, que segundo o treinador da seleção alemã da altura, Hansi Flick, serviu *“to convey the message that Fifa is silencing”* (BBC, 23 novembro, 2022).

Figura 9- Foto da seleção alemã, antes do jogo contra o Japão, para o Mundial 2022, protesta a decisão da FIFA de impedir o uso da braçadeira “One Love”



Fonte:<https://www.publico.pt/2022/11/23/desporto/noticia/jogadores-alemanha-boca-fechada-fifa-jogo-japao-2028862>

Por sua vez Kai Havertz, avançado da seleção alemã, afirmou que esta ação foi *“the right thing to do to show the people that we tried to help wherever we can and Fifa makes it not easy for us”* (Havertz *apud* BBC, 2022). Por sua vez, a seleção alemã manifestou-se no Twitter, e declarou que esta ação não se tratava de uma declaração política uma vez que:

“Human rights are non-negotiable. That should be taken for granted, but it still isn't the case. That's why this message is so important to us (...) denying us the armband is the same as denying us a voice. We stand by our position” (BBC, 23 novembro, 2022).

Neste mesmo jogo, a Ministra do Interior alemã, Nancy Faeser, usou a braçadeira da campanha *One Love* quando se sentou ao lado do presidente da FIFA, Gianni Infantino, como podemos observar na Figura 10.

Figura 10- Ministra alemã Nancy Faeser ao lado do presidente da FIFA Gianni Infantino, com a braçadeira “One Love”, antes do jogo frente ao Japão



Fonte: <https://cnnportugal.iol.pt/catar/nancy-faeser/a-ministra-alema-com-a-bracadeira-lgbtqi-o-presidente-da-fifa-ao-lado-com-aquela-cara-que-foto/20221123/637e6c0f0cf255d6e13c0ce3>

Antes do jogo, Faeser criticou abertamente a FIFA e afirmou que:

“in today’s times, it is incomprehensible that FIFA does not want people to openly stand for tolerance and against discrimination. It does not fit in our times and it is not appropriate towards people” (Al Jazeera, 23 novembro, 2022).

Em suma, o Mundial de 2022, acabou por ser, um marco histórico para o mundo árabe, uma vez que ofereceu a oportunidade de mostrar o Qatar no panorama internacional. Hassan Al-Thawadi, Secretário-Geral do Comitê Supremo para a Execução e Legado, assumiu que o país representava o mundo árabe e o Médio Oriente. Al-Thawadi acreditava que a região e a cultura árabe são muitas vezes associadas a conflitos e guerras (Gonçalves, 2023, p.80).

Assim, este Mundial serviria tanto para quebrar estereótipos e mostrar ao mundo quem eram os árabes, como servir de *“platform for a united world and leaving a transformative legacy for the region”* (Doha News, 2022 *apud* Gonçalves, 2023, p.81). Durante todo o torneio, o Qatar recebeu cerca de 1,4 milhões de visitantes, e registou um recorde de audiências global, com cerca de 5 bilhões de espectadores.

Este Mundial acabou por ficar para a história como o primeiro onde existiu uma árbitra feminina num jogo masculino, já que a árbitra Stéphanie Frappart apitou o jogo entre a Alemanha e a Costa Rica. Contudo e apesar de todas as boas memórias que um Mundial de

Futebol deixa no mundo do futebol, de acordo com a *Human Righth Watch*, o Mundial de 2022 “*left a legacy of unaddressed abuses, including thousands of uncompensated deaths that left lasting harm for migrant workers and families*” (Human Righth Watch, 8 novembro, 2024) em relação aos quais a FIFA falhou em dar uma resposta eficaz.

FIFA WORLD CUP 2034 – Arábia Saudita

Por muito longínquo que pareça, o Mundial de 2034, que se realizará na Arábia Saudita, já tem provocado várias críticas à FIFA. Ben Church e Amanda Davies, acreditam que a vontade da Arábia Saudita em receber o Mundial, faz parte de algo muito maior, uma vez que o país tem, nos últimos anos, investido muito dinheiro no desporto, principalmente no futebol. Este investimento só é possível, graças ao PIF⁴⁰, que investiu “*billions into changing the landscape of sports, such as golf, boxing, esports and Formula One in recent years*” (Church & Davies, 2024).

O PIF, em sua parte, é sustentado pelas enormes reservas de petróleo, que são a principal fonte de riqueza do país. O governo tende a utilizar estes fundos, investindo em várias áreas, com o objetivo de modernizar o país e reduzir a sua dependência económica face ao petróleo. De acordo com os autores, a Arábia Saudita afirma que este investimento faz parte da *Saudi Vision 2030*, um projeto liderado pelo príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, que têm como objetivo, diversificar a economia e situar o país como um dos líderes mundiais (Church & Davies, 2024).

Este investimento no desporto tem sido bastante notável nos últimos anos e teve um grande impacto, principalmente no mundo do Futebol. Karim Zidane (2024) acredita que o futebol é “*a pivotal component of Saudi Arabia’s sports strategy as the sport is a beloved national pastime across generations*” (Zidane, 2024). Um dos primeiros grandes investimentos sauditas no mundo do futebol foi a compra do clube inglês da *Premier League*, *Newcastle United*, em outubro de 2021.

Na altura, a *Premier League*, principal escalão do futebol inglês, justificou esta aquisição depois de receber “*legally binding assurances that the Kingdom would not control the club*” (Zidane, 2024). Desde a aquisição do *Newcastle United*, a Arábia Saudita já assinou vários acordos entre o clube e entidades que pertencem ao estado saudita, como é o caso da empresa de eventos saudita *Sela*, que é a *main sponsor* da camisola do clube para a época 2025/2026.

Já em 2023 o PIF assumiu o controlo de quatro clubes da liga saudita ou *Saudi Pro League*, entre eles, o Al-Ahli, o Al-Ittihad, o Al-Hilal e por último, o Al-Nassr, com o objetivo de fortalecer a liga local e atrair estrelas internacionais do futebol, que promovessem o país como um protagonista global. Em dezembro de 2022, o para muitos, melhor jogador da história,

⁴⁰ Fundo de Investimento Público da Arábia Saudita

Cristiano Ronaldo, deixava o Manchester United e chegava a acordo com o Al-Nassr (Figura 11), para um contrato avaliado em 200 milhões de euros por ano, o que chocou por completo o mundo do futebol.

A chegada de Ronaldo à liga saudita, não só elevou o perfil da mesma, como atraiu a atenção global para o futebol do país como nunca tinha acontecido. É preciso lembrar que antes da chegada de Cristiano, a liga não tinha tanta visibilidade e prestígio, sendo considerada uma liga secundária, e sem muita atenção da média internacionais.

Figura 11- Cristiano Ronaldo assina pelo Al-Nassr, 2022



Fonte: <https://tribuna.expresso.pt/futebol-internacional/2022-12-30-E-oficial-Cristiano-Ronaldo-apresentado-no-Al-Nassr-359469cb>

Com a sua chegada, milhões de pessoas por todo o mundo começaram a acompanhar os jogos do Al-Nassr, e simultaneamente da liga saudita, o que por sua vez, atraiu também vários investidores e parceiros internacionais, enriquecendo a liga. A chegada de Cristiano Ronaldo inspirou os outros clubes da Saudi Pro League a contratarem jogadores de alto nível, o que gerou um efeito de cascata, transformando o futebol saudita por completo.

Com a chegada de treinadores como Simone Inzaghi, 1 vez campeão pela Inter de Milão e vice finalista da Champions League na época 2022-2023, e a chegada de jogadores como o ex-avançado do Real Madrid, Karim Benzema, da estrela brasileira Neymar Jr ou do ex-extremo direito do Manchester City, Ryad Mahrez, a liga ficou cada vez mais competitiva e consolidada.

Contudo, e à imagem do governo russo, a Arábia Saudita fez ainda outras abordagens para o exterior, numa tentativa de melhorar a sua imagem internacional, através da utilização do futebol, como uma ferramenta de *soft power*. Em agosto de 2024, o PIF anunciou uma parceria com a CONCACAF⁴¹, com a “*shared ambition to grow football at every level of the game, includes sponsorships of the men’s and women’s Concacaf Champions Cups and the 2025 Concacaf Gold Cup*” (Zidane, 2024).

Já no Mundial de Clubes que aconteceu no verão de 2025, a equipa do Al-Hilal chocou o mundo depois das excelentes exibições que alcançou frente às equipas europeias e sul-americanas, teoricamente mais fortes, tendo obtido uma vitória histórica, frente ao Manchester City treinado por Pep Guardiola, aos 94 minutos. De acordo com Mohammad Alsuwaylih (2025) esta vitória refletiu o sentimento dos sauditas, de que chegou o tempo do mundo reconhecer não apenas as suas capacidades desportivas, mas também os progressos alcançados em outras áreas.

Este investimento no desporto feito pelo governo saudita é acompanhado “*with its massive economic investment in tech, defense and other non-energy sectors*” (Alsuwaylih, 2025). Aliás, Alsuwaylih (2025) destaca que apesar da derrota do Al-Hilal, frente à equipa brasileira do Fluminense e, conseqüente, a sua eliminação, “*Saudi analysts and fans openly expressed ambitions to win the championship, not just participate honorably*” (Alsuwaylih, 2025).

Isto reflete uma crença enorme na capacidade e potencial saudita que transcende o futebol, e alastra-se para outras áreas, com o objetivo de garantir posições de liderança a nível mundial. Aliás, para Alsuwaylih (2025), esta mentalidade incutida pelo governo saudita, acabará por acelerar a conquista dos objetivos traçados pelo país, e servirá como um legado cultural, que será transmitido de geração em geração (Alsuwaylih, 2025).

Em 2023, a FIFA confirmou que a Arábia Saudita foi o único candidato para organizar o Mundial de 2034, depois da Austrália ter abandonado oficialmente a corrida para sediar a competição. Já em 2024, o país foi confirmado como anfitrião do Mundial de 2034, numa decisão que muitos já viam como esperada, já que era o único país que demonstrou interesse em receber a competição. Contudo, ao mesmo tempo foi controversa, devido ao historial que o país possui em matérias de direitos humanos.

De acordo com Rita Meireles (2024), a Arábia Saudita espera receber 104 jogos, em 15 estádios diferentes, 8 deles ainda não construídos e, segundo Ben Church (2024), mais de 185.000 quartos de hotel novos, entre outros grandes projetos de empreendedorismo.

⁴¹ Confederação de Futebol da América do Norte, Central e do Caribe

Contudo e de forma surpreendente, apesar de se ter demonstrado feliz pela vitória portuguesa como sede do Mundial de 2030, Cristiano Ronaldo, a figura portuguesa mais conhecida a nível mundial, veio a público dizer que:

“2034 will be the best World Cup ever. It's incredible. The infrastructure, the stadiums, the conditions for the fans, and everything I see. I'm even more convinced that 2034 will be the best World Cup of all time (...) The country is amazing, Saudis are very good people. Every year they host big events, football matches, boxing, and entertainment is at a very high level. The future is very bright, in my opinion, and I'm happy to be part of the country's success. I'll definitely be here to see the World Cup” (Cristiano Ronaldo *apud* BeinSports, 11 de dezembro, 2024).

Este apoio dado à Arábia Saudita por uma das figuras mais emblemáticas do futebol, e talvez do mundo, acaba por representar um valor enorme a nível estratégico para o país no plano internacional. Com estas afirmações, Cristiano Ronaldo, não emprestou apenas a sua imagem respeitada e reconhecida a nível internacional, como também a sua credibilidade, a um projeto que têm sido muitas vezes acusado de servir para limpar e melhorar a reputação externa da Arábia Saudita.

Este apoio gerou uma espécie de ambiguidade internacional, uma vez que apesar de ter reforçado a imagem nacional do país, a nível internacional, e ter atraído a atenção de investidores e fãs de futebol, por outro lado, foi interpretado por outros pela cumplicidade de figuras de futebol com um regime que enfrenta várias acusações de limitações de liberdade, repressão política e desigualdades de género.

Assim, e como tinha acontecido após a nomeação do Catar como anfitrião do Mundial de 2022, a Arábia Saudita recebeu várias críticas da comunidade internacional por possuir um sistema semelhante ao Catar. Antes da nomeação final da Arábia Saudita com anfitriã do Mundial, a Amnistia Internacional pediu que a FIFA suspendesse o processo de escolha dos sauditas como sede do Mundial de 2034 *“until major human rights reforms are announced”* (Church, 2024). De acordo com Ben Church (2024), a Amnistia Internacional e a *Sport & Rights Alliance* divulgaram um relatório que destaca algumas questões em torno da candidatura da Arabia Saudita para 2034.

No âmbito do processo de candidatura, a FIFA afirma que os países devem respeitar os direitos humanos que são reconhecidos internacionalmente. Mas de acordo com a Amnistia Internacional o Mundial de 2034, na Arábia Saudita, não demonstrou adequadamente *“how they have met FIFA's human rights criteria”* (Church, 2024). A declaração feita pela Amnistia Internacional vai ainda mais longe, e como já foi dito, admite que *“the outstanding risks in*

Saudi Arabia are so severe that FIFA should halt the bidding process for the 2034 tournament until major reforms are introduced” (Church, 2024).

A Arábia Saudita, por sua vez, no site oficial da candidatura ao Mundial, afirmou que *“championed a human rights approach, leveraging the expertise from across the Kingdom and beyond”* (Church, 2024). Para além disto, acreditam que a realização do torneio no país iria *“bring opportunity and responsibility to uphold human rights throughout this journey and beyond”* (Church, 2024). Contudo, Ben Church destaca as palavras de Steve Cockburn, responsável pelos direitos laborais e desportivos da Amnistia Internacional, e que afirma que os planos da Arábia Saudita para o Mundial

“Will require a vast number of migrant workers to deliver” and that “there are no commitments to reform the country’s exploitative ‘Kafala’ sponsorship system, establish a minimum wage for non-citizens, permit them to join trade unions or introduce new measures to prevent worker deaths” (Cockburn *apud* Church, 2024).

Por sua vez, Minky Worden, diretora das iniciativas globais da *Human Rights Watch*, destaca que os documentos da Arábia Saudita sobre a realização do Mundial *“ignore the country’s egregious human rights violations”* (Human right Watch, 2024) e que a FIFA *“is willfully blind to the country’s human rights record, setting up a decade of potentially horrific human rights abuses preparing for the 2034 World Cup”* (Human right Watch, 2024).

Para além desta situação, o Mundial de Futebol de 2034, está a receber várias críticas quanto ao seu impacto ambiental, pelas incertezas relativamente à comunidade LGBT +, e ainda pela possibilidade de voltar a acontecer no inverno, tal como aconteceu no Catar, em 2022. O país tem o plano de realizar o Mundial mais luxuoso da história dos Mundiais, marcado por um forte investimento em várias áreas da sociedade. Como já tinha sido dito, a Arábia Saudita tem o plano de construir ou renovar 15 estádios, para além de querer construir uma cidade futurista, expandir aeroportos e outras infraestruturas com o objetivo de acomodar os milhões de pessoas que se vão deslocar para o país naquela altura.

No entanto, estas construções vão acabar por emitir toneladas de gases com efeitos de estufa, o que acaba por ser bastante prejudicial ao planeta. De acordo com Andrew Zimbalist, construir vários estádios de raiz será como está a ser planeado será *“environmentally wasteful in the extreme”* (St.John & McDermott, 2024). Zimbalist acredita que estes torneios, como o Mundial de Futebol, deveriam ser realizados em países que já possuíssem uma cultura e indústria futebolística desenvolvida.

De acordo com Seth Warren Rose, diretor da organização *Eneref Institute*, o planeta irá estar mais quente no futuro, e a humanidade não se pode dar ao luxo de aumentar a sua temperatura, e apela aos organizadores que façam um esforço genuíno para reduzir as emissões, ou então que não acolham nenhum evento (St.John & McDermott, 2024).

Alexa St. John & Jennifer McDermott (2024) afirmam que os planos para o Mundial de 2034, da Arábia Saudita, irão depender bastante do betão, responsável por cerca de “8% of worldwide emissions that warm the planet, with iron and steel accounting for another 7%” (St.John & McDermott, 2024). Para termos um nível de comparação, o Catar pode ter gastado cerca de 200 mil milhões de dólares em obras, ao construir 7 estádios, um sistema de metro novo, autoestradas e várias outras infraestruturas para receber o Mundial.

E, de acordo com os autores, o evento gerou cerca de:

“3.6 million metric tons of carbon dioxide over the decade spent preparing for the tournament, or about 3% of Qatar’s total emissions in 2019 (...) experts say the Qatar event had the highest carbon emissions to date” (St.John & McDermott, 2024).

A FIFA por sua vez, aceitou as promessas de sustentabilidade e clima, feitas pela Arábia Saudita, referindo que:

“whilst the extent of construction would have a material environmental impact, the bid provides a good foundation for delivering mitigation measures to address some of the environment-related challenges” (St.John & McDermott, 2024).

A realidade é que as emissões da Arábia Saudita têm vindo a crescer de ano para ano, o recurso à energia renovável é quase inexistente, devido à grande produção de combustíveis fósseis, apesar de ter como meta atingir metade da sua energia, a partir de fontes renováveis até 2030. No entanto, como Khaled Diab, porta-voz do Carbon Market Watch disse “it appears that FIFA has learnt very little from the debacle with the World Cup in Qatar” (St.John & McDermott, 2024).

Relativamente às questões da comunidade LGBTQ+, assim como o Catar, a Arábia Saudita recebeu várias críticas da comunidade internacional, uma vez que é contra a comunidade LGBTQ+. De acordo com Sophie Perry (2023), o Médio Oriente é abertamente hostil às pessoas LGBTQ+, para além de possuir um historial negativo em matérias de direitos humanos. De acordo com a autora, a homossexualidade é ilegal na Arábia Saudita e a pena de morte está entre umas das possíveis punições para as pessoas desta comunidade. Para além disto, grande parte dos tópicos relacionados com a comunidade LGBTQ+ são censurados, uma vez que “Sharia Law prohibits what it describes as crossdressing” (Perry, 2023).

Na sua essência, a Lei Sharia define aquilo que é considerado correto e orienta as pessoas a viver de acordo com a vontade de Deus, ou seja, define o caminho da pessoa, com base no Alcorão.

Assim sendo, algumas das interpretações mais conservadoras da Sharia condenam as práticas e identidades relacionadas com a comunidade LGBTQ+, uma vez que as consideram incompatíveis com a ideologia islâmica. Para além disso, o país tem sido abertamente criticado por abusar de ativistas, atacar e silenciar a liberdade de expressão e não respeitar os direitos das mulheres. Sophie Perry (2023) destaca o episódio do assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, um grande crítico do governo saudita, que de acordo com investigações internacionais foi morto por agentes sauditas, manchando a reputação do país a nível internacional.

Jack Murley, apresentador do podcast LGBT Sports da BBC, fez, em 2023, uma publicação sarcástica na rede social X. Na publicação, Murley observou algumas semelhanças entre os anfitriões dos Mundiais de 2018 e 2022, todos com “*restrictive laws relating to being LGBTQ+*” (Perry, 2023). Jon Holmes, fundador da Sports Media LGBTQ+ afirmou ainda que:

“Eleven years to go til the Saudi World Cup. Eleven years of trying to talk constructively about global warming, human rights abuses, capital punishment, migrant workers and the criminalisation of LGBTQ+ people, and then to be told by the people with influence to focus on the football” (Holmes apud Perry, 2023).

A FIFA declarou que a Arabia Saudita se comprometeu a garantir um ambiente seguro e acolhedor para todos os fãs, independentemente da sua etnia, sexualidade ou valores culturais. Contudo, a organização ainda não adotou uma posição oficial quanto a este ponto, e por isso é abertamente criticada por diversas organizações de direitos humanos e outros meios. Um dos exemplos dessas críticas partiu de um grupo de adeptos LGBTQ+ da equipa inglesa do *Coventry City*, que escreveu “*#FIFA showing their true colours once again. They do not care about human rights or inclusivity. They care only about one thing: cha-ching*” (Perry, 2023).

Semelhante ao que aconteceu no Mundial de 2022, no Catar, o Mundial de 2034 na Arábia Saudita possui um risco elevado de acontecer no inverno, devido às altas temperaturas sentidas na região durante o verão. Como já foi mencionado, o Mundial de 2022 foi o primeiro a ser realizado no Médio Oriente na história da competição e o primeiro a ser realizado no inverno quando, tradicionalmente é realizado no verão. Esta mudança de “estação”, pode ser explicada pelo aumento das temperaturas para valores que podem ultrapassar facilmente os 40° graus no verão.

A Arábia Saudita, país vizinho do Catar, possui um clima semelhante e é bastante expectável que, à semelhança do que aconteceu em 2022, o Mundial de 2034 ocorra também

no inverno, para bem dos jogadores e, claro, dos adeptos. No entanto, de acordo com a PA news agency:

“the Premier League and other top European leagues would be against staging another winter World Cup as it would mean even more disruption to an already very busy football calendar” (BBC, 11 dezembro, 2024).

Contudo, em entrevista à BBC, o ministro do Desporto saudita, príncipe Abdulaziz bin Turki Al-Faisal, afirmou que estava a ser estudada a possibilidade de realizar-se o Mundial de 2034 no verão. Segundo o mesmo:

“why not see what the possibilities are to do it in the summer? Whether it is summer or winter it doesn't matter for us, as long as we make sure that we deliver the right atmosphere to host such an event” (Abdulaziz *apud* BBC, 11 dezembro, 2024).

A ideia de um Mundial realizado na Arábia Saudita promete não só uma competição marcada pelo luxo e com infraestruturas modernas, mas também com a ambição de servir como um catalisador de mudanças internas e de uma maior abertura do país ao mundo exterior. Assim, como aconteceu no Mundial de 2022, no Catar, a FIFA procura uma nova oportunidade de levar o futebol a mais países e adeptos, uma vez que, apesar das várias críticas, o Mundial realizado no Catar foi considerado um sucesso para o crescimento do desporto na região.

Já para a Arábia Saudita, organizar o Mundial seria uma oportunidade extraordinária para o país, e o entusiasmo é visto nas palavras de Hamad Albalawi, chefe da candidatura saudita, que afirma que a região do Médio Oriente *“is very much hungry for more, to do more in football”* (Albalawi *apud* BBC, 11 dezembro, 2024).

Conclusões

O objetivo desta investigação foi definido através de duas questões de partida que se complementam, com o intuito de compreender de que forma é que a FIFA utiliza os Campeonatos Mundiais de Futebol como instrumento de poder e influência política a nível global (?) e de que modo é que os países anfitriões beneficiam politicamente da realização de um Campeonato Mundial de Futebol no seu país(?).

Para responder à primeira questão elaborada, foi feita uma análise histórica, política e institucional da FIFA. Foi assim possível identificar que, embora a entidade tenha surgido com propósitos exclusivamente desportivos, ao longo dos anos e das suas presidências evoluiu para um verdadeiro ator global, com uma grande relevância tanto política, como económica e diplomática à escala mundial. Com a análise das presidências de João Havelange, Joseph Blatter e Gianni Infantino, foi possível constatar que cada uma destas lideranças contribuiu, à sua maneira, para a consolidação do poder da FIFA e para moldar a capacidade de influência da organização no sistema internacional.

Com a chegada de Havelange ao poder, a FIFA deixou de ser uma organização exclusivamente europeia, transformando-se numa instituição globalizada, apoiada por uma estratégia de expansão, já que incorporou novas federações e expandiu-se para novos continentes. Durante a sua presidência, Havelange conseguiu transformar o desporto num veículo de diplomacia, utilizando os Campeonatos Mundiais de Futebol como ferramentas de aproximação de países e continentes destintos.

Já sob a presidência de Blatter, a visão de uma FIFA expansionista manteve-se, contudo, com todo o poder e hegemonia que já no mundo do futebol e no cenário global, a instituição viu-se submersa em acusações de corrupção, relacionadas diretamente com a atribuição de Campeonatos Mundiais de Futebol a certos países. Desta forma os Campeonatos Mundiais de Futebol servem não apenas para promover o futebol, como também para retirar benefícios económicos para a instituição, ao mesmo tempo que tende a legitimar regimes políticos através da grande visibilidade mediática, característica deste evento.

Depois de todos os escândalos onde a FIFA se viu envolvida em 2015 e com a destituição de Blatter, e a nomeação de Gianni Infantini como novo presidente da FIFA, assistimos a uma tentativa de reposicionamento da instituição, através de um discurso que prometia transparência e uma reforma no seio da organização.

No entanto, a liderança de Infantino tem revelado uma persistência na maximização das receitas financeiras e na expansão da influência geopolítica da organização pelo mundo. Com a organização do Mundial de 2022 no Catar e a atribuição do Mundial de 2034 à Arábia Saudita, a FIFA demonstra agir consoante os seus interesses estratégicos, baseados em ganhos económicos e diplomáticos, em detrimento dos valores que publicamente afirma defender.

Desta forma, graças a esta análise é possível responder à primeira questão e concluir que a FIFA utiliza a organização dos Campeonatos Mundiais de Futebol como o motor principal de projeção do poder global da organização, sendo que, este tipo de eventos transformaram-se ao longo dos anos em palcos globais, onde os interesses políticos, diplomáticos e estratégicos dos Estados acabam por se cruzar. Assim o futebol sob o controlo da FIFA acaba por ultrapassar as fronteiras do desporto, transformando-se num verdadeiro instrumento de influência e de legitimidade internacional.

De seguida, o objetivo passou para a análise da segunda questão, onde graças aos casos de estudo analisados é demonstrado que os países anfitriões dos Campeonatos Mundiais de Futebol, tendem, na maior parte das vezes, a retirar algum benefício político ou diplomático destes eventos. A realização de um evento com a magnitude de um Mundial de Futebol constitui uma oportunidade perfeita para a projeção internacional do anfitrião, reforçando a sua legitimidade interna, permitindo ainda que os governos consigam instrumentalizar o futebol como um veículo de poder político.

Durante o Campeonato do Mundo de 1978, na Argentina, foi possível observar de forma clara, que a junta militar de Jorge Rafael Videla utilizou o evento para reconstruir a sua imagem perante a comunidade internacional, ao mesmo tempo que procurava legitimar o seu poder interno. Apesar do contexto repleto de várias violações dos direitos humanos e de repressão política, como foi demonstrado, o Mundial foi utilizado como uma ferramenta de propaganda política, através do qual o regime procurou transmitir uma aparência de estabilidade e normalidade interna.

A vitória da Argentina na final do torneio, foi amplamente utilizada pelo regime de Videla como um símbolo de unidade nacional e de prestígio internacional, reforçando assim a ideia de que o futebol poder ser um verdadeiro instrumento de coesão e manipulação política.

Já no Mundial de 2018 na Rússia, o governo de Vladimir Putin utilizou o evento para reafirmar o orgulho nacional russo e reforçar o estatuto do país na arena internacional. Como foi mencionado, a Rússia vivia num contexto de isolamento político, depois de ter anexado a região da Crimeia, na Ucrânia, tendo o torneio sido utilizado como uma demonstração da força, da modernidade e da capacidade organizativa da Rússia como um todo. Ficou demonstrado que

a Rússia foi capaz de utilizar o futebol e o Mundial como uma ferramenta para reforçar a sua projeção internacional, uma vez que o evento permitiu suavizar a sua imagem para o exterior.

O Catar por sua vez, utilizou o Mundial de 2022 como uma forma de projeção internacional. Apesar das suas limitações geográficas, o país possui grandes ambições políticas que foram bem expressas durante o evento, utilizando mais uma vez o futebol como ferramenta de *soft power*. O Mundial de 2022 serviu, assim, para consolidar o papel do Catar na região do Médio Oriente, ao mesmo tempo que reforçou alianças diplomáticas e reconfigurou a sua imagem no panorama internacional.

Apesar das diversas críticas que recebeu sobre as constantes violações de direitos humanos e a falta de condições laborais, o país conseguiu atrair a atenção global, afirmando-se como uma figura importante do Médio Oriente, tendo utilizado o Mundial como um catalisador de visibilidade e influência internacional.

Por sua vez, o Mundial que a Arábia Saudita se prepara para realizar em 2034, segue a mesma lógica desportiva que os anteriores, principalmente o do Catar. O país procura, através do futebol, atenuar e melhorar a perceção internacional para com as políticas internas restritivas, de forma a consolidar a sua posição geopolítica no sistema internacional. O Mundial é apresentado como um símbolo de abertura e modernidade do país, onde o futebol será utilizado como uma ferramenta diplomática e de *rebranding* político.

Desta forma e depois desta análise, é possível responder à segunda questão, e concluir que os Campeonatos Mundiais de Futebol funcionam como autênticos instrumentos de poder e influência. A FIFA, por sua vez, como entidade organizadora dos eventos, acaba por os utilizar de forma a reforçar a sua própria autoridade e influência global, ao mesmo tempo que os países anfitriões destes eventos instrumentalizam o futebol de forma a alcançar objetivos políticos e diplomáticos.

Os Campeonatos Mundiais de Futebol transformam-se, assim, em palcos, onde não se joga apenas com uma bola, mas também com o prestígio, a legitimidade e o poder. O futebol é assim mais do que um simples espetáculo desportivo, uma vez que possui o poder de moldar perceções e comportamentos nas dinâmicas do sistema internacional.

Desta forma, esta investigação evidencia a necessidade de compreender a FIFA não apenas como uma entidade reguladora do futebol, mas como um ator político global, com a capacidade de moldar os comportamentos e as dinâmicas do sistema internacional. Graças ao poder e hegemonia que conquistou durante a sua existência e ao impacto simbólico e emocionante do futebol, a FIFA tornou-se numa peça-chave no sistema internacional.

Referências Bibliográficas

- Aib, I., Malik, B. R. & Malik, Zunera (2022). *From football field to global politics, will FIFA discourse help Russia? A critical discourse analysis of headlines*. Taylor & Francis.
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2022.2150173>
- AlJazeera. (2022). “FIFA and UEFA suspended Russia from international football”. AlJazeera.
<https://www.aljazeera.com/news/2022/2/28/russia-expelled-from-world-cup-clubs-banned-from-competitions> (Consultado em: 12 de Agosto de 2025)
- Alsawaylih, M. (2025) *Beyond Football: Saudi Arabia’s Rise Through Soccer and Statecraft*. Gulf International Forum <https://gulfif.org/beyond-football-saudi-arabias-rise-through-soccer-and-statecraft/> (Consultado em: 15 de Setembro de 2025)
- Amnistia Internacional. (2022). *FIFA misleading world on remedy for migrant workers*. Amnistia Internacional. <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/12/fifa-misleading-world-on-remedy-for-migrant-workers/> (Consultado em: 1 de Setembro de 2025)
- Barata, P. & Gomes, L. (2022). *É oficial: Cristiano Ronaldo apresentado no Al-Nassr*. Tribuna Expresso. <https://tribuna.expresso.pt/futebol-internacional/2022-12-30-E-oficial-Cristiano-Ronaldo-apresentado-no-Al-Nassr-359469cb> (Consultado em: 12 de Setembro de 2025)
- Bason, T., Salisbury, P., & Gérard, S. (2019). *The FIFA In Routledge Handbook of Football Business and Management* (pp. 423- 440). Routledge
https://www.researchgate.net/publication/349379217_The_FIFA
- BeinSports. (2024). *Cristiano Ronaldo says 2034 World Cup will be the best ever*. BeinSports <https://www.beinsports.com/en-us/soccer/articles/cristiano-ronaldo-says-2034-world-cup-will-be-the-best-ever-2024-12-11> (Consultado em: 15 de Setembro de 2025)
- BBC sports. (2022). *World Cup 2022: One Love armband- Germany players cover mouths amid row with FIFA*. BBC sports. <https://www.bbc.com/sport/football/63729563> (Consultado em: 23 de Agosto de 2025)
- BBC. (2018). *World Cup 2018: Salah used for political capital’as Chechnya host Egypt training*. BBC <https://www.bbc.com/sport/football/44451415> (Consultado em: 20 de Agosto de 2025)
- BBC. (2024). *Why is the World Cup in Saudi Arabia so controversial?*. BBC.
<https://www.bbc.co.uk/newsround/articles/c7918y1g9l2o> (Consultado em: 16 de Setembro de 2025)
- Bensing, K. (2018). *How Russia won the World Cup*. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/news/2018/jun/14/how-russia-won-the-world-cup> (Consultado em: 14 de Julho de 2025)
- Bertoia, L. (n.d.). *El boicot al Mundial 78: Un fracaso que fue todo un éxito*. *Papelitos*
<https://papelitos.com.ar/nota/el-boicot-al-mundial> (Consultado em: 11 de Abril de 2025)
- Borges, V. (2019). *FIFA e as suas imposições aos países para sediarem a Copa do Mundo de futebol frente ao princípio de soberania nacional*. *Derecho y Cambio Social*

- Borrelli, M. y Oszust, L. (2018). *El Mundial 78 en la prensa política argentina: entre la "fiesta", el nacionalismo y los derechos humanos*. *Palabra Clave*, 21(1), 11-35.
<https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/6664/pdf>
- Bull, J & Younes, R. (2022). *Qatar World Cup Ambassador's Homophobic comments fuel discrimination*. Human Rights Watch. <https://www.hrw.org/news/2022/11/10/qatar-world-cup-ambassadors-homophobic-comments-fuel-discrimination> (Consultado em: 23 de Agosto de 2025)
- Burlamaqui, L. G. (2019). *The "invention" of FIFA history: João Havelange's election to FIFA presidency as a historic event*. *Soccer & Society*
https://www.academia.edu/128844557/The_invention_of_FIFA_history_Jo%C3%A3o_Havelange_s_election_to_FIFA_presidency_as_a_historic_event
- Cazotto, G. N., Fronzaglia, M., & Racy, J.C. (2022). *Institutional aspects of FIFA governance and its impact on international relations*. *American Journal of Industrial and Business Management*, 12 (05), 824-839
https://www.researchgate.net/publication/360575048_Institutional_Aspects_of_FIFA_Governance_and_Its_Impact_on_International_Relations
- Church, B. (2024). *Amnesty International warns FIFA of 2real and predictable human cost" of awarding 2034 Worl Cup to Saudi Arabia*. CNN Sports <https://edition.cnn.com/2024/11/11/sport/amnesty-fifa-world-cup-human-rights-spt-intl> (Consultado em: 18 de Setembro de 2025)
- Church, B. & Davies, A. (2024). *Saudi Arabia officially announced as the 2034 World Cup host. Human rights groups warn of "unimaginable human cost"*. CNN sports.
<https://edition.cnn.com/2024/12/11/sport/saudi-arabia-2034-world-cup-fifa-bid-spt-intl> (Consultado em: 18 de Setembro de 2025)
- Conn, D. (2019). *A Sarkozy lunch, PSG and beIN sports: questions for Platini over Qatar 2022*. The Guardian.
<https://www.theguardian.com/football/2019/jun/18/sarkozy-psg-bein-sports-questions-michel-platini-qatar-2022-world-cup> (Consultado em: 28 de Agosto de 2025)
- Costa, A. (2015). *Ex-vice-presidente da FIFA banido para sempre do futebol*. Expresso.
<https://expresso.pt/internacional/2015-09-29-Ex-vice-presidente-da-FIFA-banido-para-sempre-do-futebol> (Consultado em 20 de Abril de 2025)
- Dominski, M. (2024). *Argentina vs Peru: Controversy at the 1978 World Cup*. The Athletic
<https://www.nytimes.com/athletic/live-blogs/argentina-peru-live-updates-2024-copa-america-lionel-messi-score-result/zmYbBzSJOW5z/juERskBmDymR/> (Consultado em: 13 de Abril de 2025)
- Dunbar, G. (2020). *Court ends 1st Swiss trial in FIFA probe without judgment*. AP News
<https://apnews.com/court-ends-1st-swiss-trial-in-fifa-probe-without-judgment-7b82aae1167b2405ab1df68070ba3937> (Consultado em: 19 de Julho de 2025)
- EuroNews. (2019). *Putin honours FIFA's Infantino with state medal over 2018 World Cup*. EuroNews
<https://www.euronews.com/2019/05/23/putin-honours-fifas-infantino-with-state-medal-over-2018-world-cup> (Consultado em: 9 de Julho de 2025)
- Ezequiel Moores, E. (2003, July 29). *The many faces of Argentina '78*. Play the Game
<https://www.playthegame.org/news/the-many-faces-of-argentina-78/> (Consultado em: 5 de Abril de 2025)
- Felix A. Jiménez Botta (2016): *'Yes to Football, No to Torture!' The politics of the 1978 Football World Cup in West Germany*, *Sport in Society*
https://www.researchgate.net/publication/306388626_'Yes_to_Football_No_to_Torture'_The_politics_of_the_1978_Football_World_Cup_in_West_Germany (Consultado em: 28 de Abril de 2025)

- France24. (2022). *Blatter says awarding Qatar World Cup was “a mistake”*. France24. <https://www.france24.com/en/live-news/20221108-blatter-says-awarding-qatar-world-cup-was-a-mistake> (Consultado em: 26 de Agosto de 2025)
- Frommer, F. J. (2022, December 15). *The World Cup that left human rights behind*. *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/sports/2022/12/15/1978-world-cup-argentina/> (Consultado em: 23 de Abril de 2025)
- Gault, M. (2015, January 15). *The politicised history of Argentine football*. These Football Times <https://thesefootballtimes.co/2015/01/15/the-politicised-history-of-argentine-football/> (Consultado em 5 de maio de 2025)
- Giulianotti, R., & Robertson, R. (2004). *The globalization of football: A study in the globalization of the “serious life”*. *The British Journal of Sociology*, 55 (4). <https://www.wcas.northwestern.edu/projects/globalization/secure/articles/robertsonpdf.htm.pdf>
- Gonçalves, C, H. (2023). *The Power of Sports Diplomacy: The World Cup in Qatar*. ISCSP. https://ioriente.iscsp.ulisboa.pt/images/DaxiyangguoOnline/2023/daxiyangguo31_online_artigo-4.pdf
- Grahame, L. Jones (2000). *FIFA’s Snub of South Africa is still reverberating*. *Los Angeles Times* <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2000-jul-08-sp-49764-story.html?utm> (Consultado em: 14 de Julho de 2025)
- Gregory, S. (2015). *A red card for FIFA*. *TIME* <https://time.com/3899480/red-card/> (Consultado em: 7 de Julho de 2025)
- Grix, J., & Lee, D. (2013). *Soft power, sports mega-events and emerging states: The lure of the politics of attraction*. *Global Society*, 27 (4), 521-536. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13600826.2013.827632#d1e81>
- Grix, J. and Houlihan, B. (2014). *Sports Mega-Events as Part of a Nation's Soft Power Strategy: The Cases of Germany (2006) and the UK (2012)*. *The British Journal of Politics & International Relations* <https://e-space.mmu.ac.uk/621304/3/2014BJPIR.pdf>
- Guimarães, A. (2022). *A ministra alemã com a braçadeira LGBTQI+, o presidente da FIFA ao lado com aquela cara: que foto*. *CNN Portugal* <https://cnnportugal.iol.pt/catar/nancy-faeser/a-ministra-alema-com-a-bracadeira-lgbtqi-o-presidente-da-fifa-ao-lado-com-aquela-cara-que-foto/20221123/637e6c0f0cf255d6e13c0ce3> (Consultado em: 13 de Julho de 2025)
- Human Rights Watch. (2024). *Saudi Arabia: 2034 World Cup Risks Widespread Labor Abuse*. Human Rights Watch <https://www.hrw.org/news/2024/11/08/saudi-arabia-2034-world-cup-risks-widespread-labor-abuse> (Consultado em 20 de Setembro de 2025)
- InsideFIFA. (2020). *FIFA Statement*. InsideFIFA <https://inside.fifa.com/organisation/news/fifa-statement-x8778> (Consultado em 25 de Julho de 2025)
- ITUC Special Report (2014). *The Case against Qatar*. ITUC. https://www.ituc-csi.org/IMG/pdf/the_case_against_qatar_en_web170314.pdf
- John, St, A. & McDermott, J. (2024). *Saudi Arabia’s plans to host men’s 2034 World Cup will be harmful for the climate, experts say*. *CBC Sports* <https://www.cbc.ca/sports/soccer/saudi-arabia-host-world-cup-2034-fifa-climate-1.7410251> (Consultado em: 18 de Setembro de 2025)
- Kazakov, V. (2018). *Can a “Good World Cup” Improve Russia’s image? Insights form Journalists and Fans at Russia 2018*. *Durham University* <https://www.durham.ac.uk/media/durham-university/research/research-centres/open-world-research-initiative-owri/documents/outreach-and-impact/local-outreach/WorldCupinRussiasummaries.pdf>

- Kedmay, D. (2014). *Report: Russia's World Cup Kickbacks include Picasso Painting*. TIME. <https://time.com/3611536/world-cup-picasso-russia-platini/> (Consultado em: 15 de Julho de 2025)
- Lundström, K. (2022). *Argentina's World Cup 1978: When FIFA backed a junta*. Jacobin <https://jacobin.com/2022/11/fifa-world-cup-1978-argentina-human-rights-violations-qatar> (Consultado em: 5 de outubro de 2025)
- McDonnell, L. (2019). *Russia's World Cup and Its Legacy*. Valdaiclub. <https://valdaiclub.com/files/22807/> (Consultado em: 22 de Julho de 2025)
- McVitie, P. (2022). LGBTQ+ fan groups say Qatar concerns “not taken seriously” by FIFA or 2022 World Cup organisers. GOAL. <https://www.goal.com/en/news/lgbtq-fan-groups-say-qatar-concerns-not-taken-seriously-by-fifa-or-2022-world-cup-organisers/blt321916231743f968> (Consultado em: 7 de Agosto de 2025)
- Meireles, R. (2024). *Arábia Saudita confirmada como anfitriã do Mundial 2034*. Fober Portugal. https://www.forbespt.com/arabia-saudita-confirmada-como-anfitria-do-mundial-2034-saiba-o-porque-de-esta-ser-uma-decisao-controversa/?doing_wp_cron=1760891153.0485029220581054687500 (Consultado em: 10 de Setembro de 2025)
- Monteiro, D, G. (2015) *Politica e futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina*. Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12362/1/2015_GustavoMonteiroDias.pdf
- Moretti, J. (2023, June 2). *Another controversial World Cup to remember: 45 years later*. ReVista: Harvard Review of Latin America <https://revista.drclas.harvard.edu/another-controversial-world-cup-to-remember-45-years-later/> (Consultado em: 2 de Maio de 2025)
- Nielsen. (2018). *Fan Favorite: The global popularity of football is rising*. Nielsen <https://www.nielsen.com/insights/2018/fan-favorite-the-global-popularity-of-football-is-rising/> (Consultado em 3 de Outubro de 2025)
- Nair, R. (2024). *FIFA overlooks own report advice on Qatar World Cup workers' compensation*. Reuters. <https://www.reuters.com/sports/soccer/fifa-overlooks-own-report-advice-qatar-world-cup-workers-compensation-2024-11-30/> (Consultado em: 13 de Agosto de 2025)
- Passos, P. (2013). *Defendido por Havelange, Videla usou a Copa em prol da ditadura Argentina*. UOL. [Defendido por Havelange, Videla usou Copa em prol da ditadura Argentina - 18/05/2013 - UOL Esporte](https://www.uol.com.br/esporte/2013/05/18/defendido-por-havelange-videla-usou-copa-em-prol-da-ditadura-argentina-18-05-2013-01.htm) (Consultado em: 28 de Abril de 2025)
- Perry, S. (2023). *Saudi Arabia hosting 2034 World Cup leaves LGBTQ+ football fan horrified*. Pink News <https://www.thepinknews.com/2023/10/31/saudi-arabia-world-cup-2034-lgbtq/> (Consultado em: 24 de Setembro de 2025)
- PodNews. (2024). *Press Release: Sepp Blatter reveals extent of FIFA corruption in podcast*. PodNews. <https://podnews.net/press-release/corruption-blatter-reveals-podcast-extent> (Consultado em: 28 de Agosto de 2025)
- Record. (2000). *Dempsey denuncia ter recebido pressões*. Record https://www.record.pt/internacional/detalhe/dempsey-denuncia-ter-recebido-pressoes?ref=Saber%20Mais_BlocoSaberMais (Consultado em: 15 de Julho de 2025)
- Record. (2018). *Mohamed Salah cidadão honorário da Chechénia*. Record <https://www.record.pt/internacional/competicoes-de-selecoes/mundial/mundial-2018/detalhe/mohamed-salah-cidadao-honorario-da-chechenia> (Consultado em: 18 de Julho de 2025)
- RFI. (2018). *FIFA tells Putin world is “in love” with Russia*. RFI <https://www.rfi.fr/en/contenu/20180706-fifa-tells-putin-world-love-russia> (Consultado em: 18 de Julho de 2025)

- Sagayn, N. (n.d). Of the explosive expenditures for the 78 World Cup. Papelitos. https://papelitos.com.ar/nota/una-bomba-en-la-casa-de-juan-alemann?z_language=en (Consultado em: 2 de Maio de 2025)
- Santos, A. (2022). *Jogadores da Alemanha de boca fechada contra a FIFA antes do jogo com o Japão*. Público <https://www.publico.pt/2022/11/23/desporto/noticia/jogadores-alemanha-boca-fechada-fifa-jogo-japao-2028862> (Consultado em 24 de Agosto de 2025)
- Silveira, J. (2023). Escócia x Inglaterra: o pontapé de saída. ZeroZero. <https://www.zerozero.pt/historia/escocia-x-inglaterra-o-pontape-de-saida/5424> (Consultado em: 23 de Dezembro de 2025)
- Sullivan, B. (2022). Why Qatar is a controversial host for the World Cup. NPR. <https://www.npr.org/2022/11/18/1137204271/qatar-world-cup-controversies> (Consultado em 5 de Setembro de 2025)
- Syed, A. (2022). *The “One Love” LGBTQ Rights Armband is causing a Stir at the Qatar World Cup*. TIME. <https://time.com/6235503/one-love-armband-qatar-world-cup/> (Consultado em: 6 de Setembro de 2025)
- The Guardian*. (2014). *Russia deny wrongdoing after FIFA 2018 inquiry finds evidence was destroyed*. The Guardian. <https://www.theguardian.com/football/2014/nov/13/russia-evidence-2018-world-cup-bid-destroyed> (Consultado em: 26 de Julho de 2025)
- UEFA (2016). *Gianni Infantino elected FIFA President*. UEFA <https://www.uefa.com/news-media/news/022a-0f8e24dabd83-85c09c028b20-1000--gianni-infantino-elected-fifa-president/> (Consultado em: 25 de Março de 2025)
- UEFA (2022). *Estreias para recordar: primeiros jogos internacionais de Portugal, Inglaterra, França, Espanha, Alemanha e não só*. UEFA. <https://www.uefa.com/european-qualifiers/news/0253-0d7ffe7bfd93-415cc186b791-1000--estreias-para-recordar-primeiros-jogos-internacionais-de-po/> (Consultado em: 23 de Dezembro de 2025)
- Williamson, B. (2024.). *Protest and the 1978 World Cup*. National Football Museum. <https://nationalfootballmuseum.com/stories/1978-world-cup/> (Consultado em: 13 de Maio de 2025)
- Worden, M. (2018). *LGBT Rights at the World Cup*. Human Rights Watch. <https://www.hrw.org/news/2018/05/29/lgbt-rights-world-cup> (Consultado em: 15 de Julho de 2025)
- Zidane, K. (2024). *The Public Investment Fund’s growing sports portfolio*. Play the Game. <https://www.playthegame.org/news/the-public-investment-fund-s-growing-sports-portfolio/> (Consultado em: 18 de Setembro de 2025)

Anexos

PRESIDENTES	NACIONALIDADE	ANOS NA PRESIDÊNCIA
ROBERT GUÉRIN	França	1904 - 1906
DANIEL BURLEY WOOLFALL	Inglaterra	1906 - 1918
JULES RIMET	França	1921 - 1954
RODOLPHE SELLDRAYERS	Bélgica	1954 - 1955
ARTHUR DREWRY	Inglaterra	1955 - 1961
STANLEY ROUS	Inglaterra	1961 - 1974
JOÃO HAVELANGE	Brasil	1974 - 1998
JOSPEH BLATTER	Suíça	1998 - 2015
GIANNI INFANTINO	Suíça	2016 - Presente

Anexo A- Lista de presidentes da FIFA desde 1904 até aos dias de hoje